

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Caracterização dos estilos parentais por jovens NEEF: Um estudo qualitativo

Joana Filipa Rodrigues Vaz

Mestrado em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientador(a):

Doutor Francisco Simões, Investigador Auxiliar do CIS-IUL,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2021

Caracterização dos estilos parentais por jovens NEEF: Um estudo qualitativo

Joana Filipa Rodrigues Vaz

Mestrado em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientador(a):

Doutor Francisco Simões, Investigador Auxiliar do CIS-IUL,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2021

Agradecimentos

Ao doutor Francisco Simões, sobretudo, agradeço toda a sua dedicação, dispor e auxílio no decorrer da dissertação de mestrado, bem como todos os conselhos e orientações dadas durante o meu trajeto académico, que possibilitaram tornar-me uma pessoa mais competente e apta a novas aprendizagens, proporcionando um conhecimento e um crescimento ao nível pessoal imprescindível.

À Doutora Teresa Henriques, o meu profundo agradecimento por toda a sua disponibilidade e ajuda no recrutamento dos participantes para as entrevistas do meu estudo, mas sobretudo, a sua dedicação em encontrar sempre uma solução, para quando parecia ser impossível selecionar mais participantes. À Doutora Luísa Ribeiro, agradeço todos os conselhos e sugestões a mim prestados na realização das entrevistas, a cedência da sua associação para a realização das mesmas, bem como toda a sua entrega, carinho e persistência em arranjar participantes. Ao Doutor Pedro Fernandes, agradeço os conselhos a mim prestados e a sua predisposição em ajudar. Às técnicas do protocolo de Rendimento Social de Inserção da Rumo, agradeço, toda a dedicação e disponibilidade para a realização das entrevistas e na procura de participantes. À doutora Mónica Rusga, agradeço a sua simpatia, empenho e esforço na seleção dos participantes. À Doutora Susana Ramires, o meu profundo agradecimento pela sua colaboração na metodologia da minha tese.

A todos os jovens NEET e participantes dos programas, com quem tive o privilégio de estabelecer relação, deixo o meu enorme agradecimento pela possibilidade que me deram para assimilar e criar competências no domínio comunitário e preparar-me para o meu caminho profissional futuro.

Queria deixar um agradecimento particular ao meu namorado, à minha irmã e aos meus pais por toda a ajuda e conselhos a mim dedicados. Por nunca desistirem de acreditar nas minhas capacidades e serem o meu grande orgulho e exemplo a seguir. À minha amiga e colega de turma Beatriz Gonçalves por toda a sua consideração e amizade nas situações em que me sentia mais desmotivada, onde tive sempre um conselho reconfortante, o meu profundo agradecimento.

Resumo

A literatura existente sobre jovens nem em Emprego, nem em Educação ou Formação (NEEF) tem vindo a crescer e a demonstrar um aumento notável deste fenómeno ao nível da Europa (Quintano et al., 2018), argumentando assim, a importância do reconhecimento deste fenómeno e a extrema necessidade de apoiar estes jovens. O presente estudo tem como objetivo compreender como são caracterizados os estilos parentais por jovens nem em Emprego, nem em Educação ou Formação (NEEF) e o modo como a relevância das suas experiências nos seus estilos parentais são percecionadas na sua trajetória, por meio de uma abordagem qualitativa, tendo em conta a literatura escassa sobre a relevância da família na trajetória dos jovens NEEF. A amostra do estudo é de 11 jovens NEEF, com idades compreendidas entre os 17 e 34 anos de idade ($M = 28.36$, $DP = 5.83$), dos quais 72.7% ($n = 8$) eram do sexo feminino e 27.3% ($n = 3$) do sexo masculino, sendo que 90.9% ($n = 10$) residiam no concelho da Moita e 9.1% ($n = 1$) do Lavradio. Os participantes foram selecionados através do projeto: “O CLDS 4G Moita - Intervir para Incluir!”, no qual a mestranda realizou o seu estágio curricular e também, através de um projeto parceiro: “CLDS 4G Barreiro – Comsigo”. Os resultados demonstraram uma maior evidência na categoria do estilo parental permissivo negligente 56.84% ($n = 7$) e uma menor no estilo parental autoritário 10.94% ($n = 1$).

Palavras-chave: jovens NEEF, estilo parental, pais.

Categorias e Códigos de Classificação PsycINFO:

3500 Psicologia Educacional

3510 Administração Educacional e Pessoal

Abstract

The existing literature on youth people neither in Employment, nor in Education or Training (NEET) has been growing and showing a notable increase in this phenomenon across Europe (Quintano et al., 2018), thus arguing the importance of its recognition and the great necessity of supporting these youth people. This study aims to understand how parenting styles are characterized by young NEETs and how the relevance of their experiences in their parenting styles are perceived in their trajectory, through a qualitative approach, considering the scarce literature on the importance of family in the trajectory of young NEETs. The study sample consisted of 11 young NEETs, between 17 and 34 years old ($M = 28.36$, $SD = 5.83$), of which 72.7% ($n = 8$) were female and 27.3% ($n = 3$) male, with 90.9% ($n = 10$) lived in Moita and 9.1% ($n = 1$) in Lavradio. Participants were selected through the project: “O CLDS 4G Moita - Intervir para Incluir!”, in which the master's student carried out her curricular internship and also through a partner project: “CLDS 4G Barreiro – Comsigo”. The results showed a greater prevalence in the category of the negligent permissive parenting style – 56.84% ($n = 7$), and a lower prevalence in the authoritarian parenting style – 10.94% ($n = 1$).

Keywords: NEET youth, parenting style, parents.

PsycINFO Classification Categories and Codes:

3500 Educational Psychology

3510 Educational Administration & Personnel

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Capítulo 1. Introdução	1
Capítulo 2. Revisão da Literatura	3
2.1. Jovens NEEF: Definição e Conceitos	3
2.2. Características e Riscos Associados à Condição NEEF	4
2.2.1. Características Individuais	4
2.2.2. Características Familiares	6
2.3. Os Estilos Parentais	9
2.4. Estilos Parentais: Relevância na Trajetória dos Jovens	11
Capítulo 3. Método	15
3.1. Participantes	15
3.2. Instrumentos	18
3.3. Procedimentos	19
Capítulo 4. Resultados	21
4.1. Categoria Estilo Parental Permissivo Indulgente	21
4.2. Categoria Estilo Parental Autoritativo	30
4.3. Categoria Estilo Parental Autoritário	37
Capítulo 5. Discussão	45
5.1. Implicações	50
5.2. Limitações	51
5.3. Conclusão	51
Referências Bibliográficas	53

Anexos	59
Anexo A – Guião da Entrevista	59
Anexo B – Consentimento Informado	62
Anexo C – Questionário Demográfico	63
Anexo D – Definição das Categorias da Entrevista	65

Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização sociodemográfica dos Participantes	17
Quadro 2. Unidades de Significado por Categorias	21
Quadro 3. Unidades de Significado do Estilo Parental Permissivo Indulgente	22
Quadro 4. Unidades de Significado do Estilo Parental Autoritativo	31
Quadro 5. Unidades de Significado do Estilo Parental Autoritário	38

CAPÍTULO 1

Introdução

A literatura existente sobre jovens nem em Emprego, nem em Educação ou Formação (NEEF) tem vindo a crescer, demonstrando um aumento notável deste fenómeno ao nível da Europa (Quintano et al., 2018), justificando, assim, a importância do seu reconhecimento e a extrema necessidade de apoiar estes jovens. Neste seguimento, torna-se importante compreender as características e riscos associados a esta condição social, para evitar o seu prolongamento.

A condição de se tornar jovem NEEF deve ser entendida através dos fatores interpessoais e contextuais (Bynner & Parsons, 2002). Os pais permanecem como os principais potencializadores dos contextos de socialização e desenvolvimento dos filhos (Maccoby, 1992), executando também, a sua condição familiar um papel notável no risco de incorrer na condição NEEF (Tomczyk et al., 2018).

Maccoby (1992) e Baumrind (1966) consideram que a parentalidade tem uma função fulcral no desenvolvimento dos filhos, realçando a importância dos estilos parentais no desenvolvimento dos jovens (Baumrind, 1991). Os determinantes associados às interações entre pais e filhos e o modo como as mesmas se expressam através dos estilos parentais (Darling & Steinberg, 1993) influenciam os padrões de comportamento e o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes e dos jovens adultos (Mota & Pinheiro, 2018). Assim, compreender a qualidade dos estilos parentais, pode auxiliar na identificação de padrões disfuncionais nos jovens (Baumrind, 1991). Isto é importante no caso dos jovens NEEF, pois estes encontram-se em maior risco de desenvolver psicopatologias e de consumir drogas (Benjet et al., 2012; O'Dea et al., 2014). Ademais, é importante referir que existem outras características e riscos associados a esta condição que se encontram descritos mais à frente, revelando-se igualmente determinantes da condição NEEF.

Posto isto, este estudo destina-se a compreender como são caracterizados os estilos parentais por jovens nem em Emprego, nem em Educação ou Formação (NEEF) e o modo como a relevância das suas experiências relativamente aos estilos parentais dos seus pais são percebidas na sua trajetória. Este objetivo é concretizado por meio de uma abordagem qualitativa, tendo em conta a literatura escassa sobre a relevância da família na trajetória dos jovens NEEF.

Assim os objetivos do presente estudo são: caracterizar os estilos parentais de pais de jovens NEEF, na perspectiva dos jovens; perceber as experiências relevantes para os Jovens NEEF na construção das suas perceções sobre os estilos parentais dos seus pais; e compreender o estilo parental mais perçecionado pelos jovens NEEF, de acordo com o descrito na literatura.

CAPÍTULO 2

Revisão da Literatura

2.1. Jovens NEEF: Definição e Conceitos

A denominação NEET (Not in Employment, nor in Education or Training) ou em Portugal jovens nem em Emprego, nem em Educação ou Formação (NEEF) aplica-se àqueles que se encontram em duas das respetivas situações: (1) desempregados ou inativos em termos económicos conforme as definições da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e que (2) estão há quatro semanas excluídos de qualquer tipo de emprego, educação ou formação (Eurostat, 2019). O acrónimo NEET foi primeiramente divulgado, no Reino Unido, no fim dos anos 90, através de um relatório governamental intitulado de “*Bridging the Gap*”, com o intuito de informar a legislação sobre a existência de jovens entre os 16 e 18 anos de idade desempregados ou que não estavam matriculados em qualquer modalidade formal de ensino (Social Exclusion Unit, 1999).

Segundo o Eurostat (2020), são identificados os seguintes grupos de idade, predominantes da condição NEEF, na UE, no ano de 2020: 6.3% das pessoas tinha idades compreendidas entre os 15-19, 15.7% entre os 20-24 anos, 18.6% entre os 25-29 anos e 18.2% entre os 30-34 anos de idade. Contudo, ao nível do género é verificada uma divergência bastante notável. No ano de 2020, 21.5% das mulheres dos 20 aos 34 anos, na UE estavam na condição NEEF, enquanto a percentagem relativa aos homens era 13.8% (Eurostat, 2020).

Dada a visível diversidade da população NEEF, o Eurofound (2012) criou uma tipologia com cinco subgrupos: (1) Os *NEEFs desempregados*, que abrange os desempregados de curta-duração, que estão à procura de trabalho e os de longa-duração, que não estão à procura de emprego; (2) Os *NEEFs indisponíveis*, jovens que se encontram restringidos nas suas opções de trabalho, educação ou formação por motivos de deficiência, doença ou prestação de cuidado a familiares; (3) Os *NEEFs desocupados*, que não procuram trabalho, educação ou formação, mas não se encontram impossibilitados ou limitados por terceiros de o efetuar; (4) Os *NEEFs à procura de oportunidades*, que estão à procura de emprego, educação ou formação, mas que desejam encontrar ofertas apropriadas às suas qualificações e aptidões; e (5) Os *NEEFs voluntários*, deparando-se nesta condição por sua própria opção, pois, resolveram adotar outros percursos de vida alternativos como viajar ou estar inseridos em atividades não formais como voluntariado ou arte. Adicionalmente é ainda feita uma distinção

entre jovens NEEF vulneráveis correndo perigo de marginalização e necessitando particularmente de apoio, contrariamente a jovens NEEF não vulneráveis.

2.2. Características e Riscos Associados à Condição NEEF

Vários estudos identificam os principais fatores de risco para a condição NEEF. Estes fatores de risco podem ser organizados em algumas categorias.

2.2.1. Características Individuais

De uma forma geral, ao nível das características individuais, são identificadas variáveis de risco para a condição NEEF, tais como o acesso precário a empregos locais, a idade, o género, a parentalidade precoce, o nível educacional, o desemprego, viver sob cuidados ou de forma independente, as deficiências físicas ou doenças, a imigração, a baixa motivação, autoestima e aspiração, incluindo a falta de confiança, descrença na escola e descobrir um emprego que vá ao encontro das suas expectativas (Alcoforado et al., 2018; Bynner & Parsons, 2002; Eurofund, 2012; Eurostat, 2019; McGirr, 2019; O'Reilly, 2015; Pemberton, 2008; Quintano et al., 2018; Schoon, 2006; Tomczyk et al., 2018; Vancea & Utzet, 2018; Yates et al., 2011).

O mercado de trabalho tem sido crescentemente referido como precário. De facto os jovens cada vez mais são obrigados a escolher empregos com contratos temporários, a tempo parcial ou casuais (Eurostat, 2019). Os indivíduos que escolhem sair precocemente da educação ou formação para o mundo do trabalho encontram-se frequentemente vulneráveis, competindo muitas vezes com outras pessoas com maior experiência de trabalho, estando sujeitos a ser os primeiros a sair e os últimos a entrar no mercado de trabalho. Segundo Eurostat (2019), a idade mais prevalente em jovens NEEF é dos 15 aos 19 anos de idade.

Jovens que concluem os seus estudos deparam-se com a dificuldade de encontrar empregos adequados ao seu nível de formação e capacidades, devido à sua falta de experiência no mercado de trabalho, acabando por aceitar empregos com exigências inferiores às suas habilitações, simultaneamente precários e mal remunerados (Organização Internacional do Trabalho, 2020). Acresce que a falta de estágios profissionais e formação no princípio da carreira profissional pode ter consequências prejudiciais de longa duração no desemprego dos jovens (Organização Internacional do Trabalho, 2020).

O nível de educação que o jovem adquire tem bastante influência na entrada no mercado de trabalho (Eurostat, 2019). Quanto mais elevado for o nível educativo, maior é a hipótese de um jovem encontrar um trabalho com rendimentos elevados (Vancea & Utzet, 2018). Jovens

com baixos níveis de qualificações académicas estão três vezes mais em risco de se tornar NEEF do que os jovens que têm o Ensino Superior e duas vezes mais em risco de virem a entrar nesta categoria social comparativamente com aqueles que possuem o Ensino Secundário concluído (Eurofound, 2012).

Ao nível da situação do desemprego, a literatura demonstra que as pessoas que já estiveram desempregadas apresentam um risco elevado de permanecerem desempregadas (Tomczyk & Vanek, 2017). Estas pessoas têm também menor probabilidade de encontrar ofertas de emprego que se encaixem especialmente nas expectativas dos trajetos que foram desenvolvidos, levando a admitir qualquer tipo de emprego.

Além disso, também os períodos de desemprego a longo-prazo amplificam a dependência económica dos pais (Tomczyk & Vanek, 2017), dado que muitos dos jovens NEEF moram com estes por períodos mais longos, o que constitui problemas de dependência constante (Reiko, 2006, como citado em Alcoforado et al., 2018). Além disso, observa-se que necessidades educacionais dos NEEFs são notavelmente inferiores entre aqueles que moram com os pais, comparativamente aos que vivem autonomamente (Simões et al., 2017).

A parentalidade precoce dos jovens também é um fator de risco para um jovem tornar-se ou permanecer na condição NEEF, visto que os jovens ficam dependentes de serviços fornecidos pelo estado precocemente, em particular em casos em que têm poucas qualificações (McGirr, 2019). Contudo, este resultado é mais relevante para mulheres jovens, principalmente aquelas que vivem em contextos pobres, onde são observadas mais barreiras a uma realização profissional positiva (Schoon, 2006). Por isso mesmo, de acordo com Eurostat (2019), a condição NEEF é observada mais predominantemente em mulheres, podendo ser justificado por papéis de género que dão relevância à função da mulher dentro da família e ao papel do homem no local de trabalho, conselhos sobre escolhas profissionais relativas ao género, preferência no mercado de trabalho de homens jovens e regresso de mulheres jovens ao trabalho depois do parto gerando complicações de aquisições (Eurostat, 2019).

Observa-se ainda que jovens que possuam algum tipo de deficiência física ou doença apresentam um risco elevado em 40% de se tornarem NEEF, comparativamente aqueles que não apresentam estas condições desfavoráveis (Eurofound, 2012). Este risco pode ser compensado por um sistema de segurança social eficiente (Quintano et al., 2018) e por serviços criados especificamente para defender os direitos destas pessoas (Tomczyk & Vanek, 2017).

A imigração para a procura de uma melhor qualidade de vida noutra país (O'Reilly et al., 2015), na companhia dos pais, pode ser seguida por dúvidas respeitantes à inclusão escolar e

empregabilidade dos jovens. Descendentes de imigrantes ou imigrantes têm um risco superior em 70% de se tornarem NEEF (Eurofound, 2012). Diversos grupos de imigrantes, tais como refugiados de guerra, imigrantes que procuram melhores oportunidades educacionais, bem como elementos como o idioma, dependendo do país de origem, a duração da estadia no país de acolhimento, a educação e qualificações obtidas, ao nível da falta de reconhecimento de certificados e diplomas de outros países que não os da União Europeia, preconceitos e racismo são determinantes no estatuto do jovem imigrante e, que por sua vez, podem aumentar o risco de um jovem se ver na condição NEEF (O'Reilly et al., 2015; Tomczyk & Vanek, 2017).

Outro dado igualmente marcante advém de um perfil psicológico negativo marcado, por exemplo, pela falta de confiança destes jovens, no sentido de não acreditarem nas competências que possuem para trabalhar. Frequentemente, estes jovens acreditam que não dominam capacidades eficazes para o trabalho, sentindo-se inferiores (Yuji, 2007, como citado em Alcoforado et al., 2018). Isto resulta numa baixa autoestima no desenvolvimento da sua identidade profissional (Helbling & Sacchi, 2014). Os jovens NEEFs apresentam, também, níveis mais altos de insatisfação com a vida (Bynner & Parsons, 2002). Além disso, a baixa motivação dos jovens NEEF pode ser explicada pela falta de rendimentos para pagar os seus estudos e de uma gratificação individual ou social dos recursos investidos (Alcoforado et al., 2018).

É ainda de salientar que muitos jovens podem não aproveitar ofertas de emprego vantajosas, com fundamento em informações de experiências de amigos ou familiares que trabalham (Pemberton, 2008). Assim, aspirações sustentadas por incertezas sobre escolhas profissionais adequadas (Yates et al., 2011) e a falta de experiência sobre aspirações criadas no emprego escolhido (Bynner & Parsons, 2002; Schoon et al., 2007), podem levar, igualmente, à condição NEEF.

2.2.2 Características Familiares

Ao nível das características familiares, são identificadas variáveis de risco para a condição NEEF como a prestação de cuidados ou a assunção de responsabilidades familiares (Coles et al., 2002; Yates & Payne, 2006), o estatuto socioeconómico desfavorecido (Duckworth & Schoon, 2012; Leppel et al., 2001; Macmillan et al., 2015; Parker et al., 2012), a privação económica dos pais (Alfieri et al., 2015; Rennison et al., 2005), o desemprego dos pais (Duckworth & Schoon, 2012; Eurostat, 2019; Schoon, 2007; Tomczyk & Vanek, 2017), os conflitos familiares (Benjet et al., 2012; Bjorkenstam et al., 2016), o divórcio (Eurostat,

2019), o menor interesse dos pais nas aspirações dos filhos (Bynner & Parsons, 2002; Yates, 2011) e na educação (Alfieri et al., 2015; Bynner & Parsons, 2002; Pemberton, 2008; Rennison et al., 2005) e um nível educacional mais baixo dos pais (Alfieri et al., 2015; Ayorech et al., 2018; Duckworth & Schoon, 2012; Pitkanen et al., 2019; Schoon, 2014).

A manutenção por períodos mais longos na condição NEEF está bastante relacionado com o estatuto socioeconómico baixo dos pais (Duckworth & Schoon, 2012). Jovens com famílias de estatuto socioeconómico altos obtêm níveis mais altos de educação (Parker et al., 2012), procuram obter e têm mais condições para obter graus académicos mais elevados (Leppel et al., 2001) e procuram profissões com salários altos na fase adulta (Macmillan et al., 2015), comparativamente a filhos de famílias com baixo estatuto socioeconómico. Por exemplo, no estudo desenvolvido por Alfieri, et al. (2015), 47.8 % dos jovens NEEF relatou que, desistiu da escola para obter dinheiro e 19.9 % por considerar que não conseguia pagar a continuidade dos seus estudos. Isto compromete, particularmente os jovens que não podem considerar da ajuda monetária por parte dos pais para suportar a continuidade dos seus estudos, levando-os a abandonar a escola precocemente, correndo um risco elevado de permanecerem ligados a empregos provisórios e mal pagos (Alfieri et al., 2015). A este nível, Rennison, et al. (2005) determinaram que pais de jovens NEEF, quando possuíam poucos rendimentos e estavam desempregados consideravam que os filhos deviam ajudar na contribuição das despesas familiares.

A literatura também mostra que jovens com responsabilidade de cuidar de familiares encontram-se em maior risco de ser NEEF (Coles et al., 2002), o que afeta mais as mulheres. Yates & Payne (2006), demonstram, por exemplo, que mulheres adultas estão mais predispostas a cuidar dos filhos e das funções domésticas, assim como a terem muitos filhos.

Um dos elementos principais que prejudica as trajetórias educacionais é o historial profissional familiar (Tomczyk & Vanek, 2017). A literatura atual descreve que crescer numa família onde um dos pais experienciou o desemprego incrementa em 17% a possibilidade de um jovem se tornar NEEF (Eurostat, 2019). O desemprego dos pais prediz um menor bem-estar económico dos filhos (Schoon, 2007) e mostra-se relacionado com níveis mais baixos de recursos materiais, como crescer em habituações marcadas pela pobreza e depender de recursos fornecidos pelo estado (Duckworth & Schoon, 2012). Inversamente, jovens que crescem em famílias com condições mais benéficas, encarando menor número de fatores de risco, com pais mais envolvidos na paternidade e apoio dos mesmos na educação, estarão mais protegidos em relação ao fenómeno NEEF (Schoon et al., 2012).

É ainda de assinalar que jovens que habitam com famílias disfuncionais, presenciando regularmente conflitos familiares, estão mais predispostos a desenvolver perturbações psiquiátricas (Bjorkenstam et al., 2016). Estas perturbações, por sua vez, aumentam a probabilidade de um jovem se encontrar na condição NEEF. Por exemplo, Benjet, et al. (2012) no seu estudo com jovens que não trabalham e não estudam mostram que estes tinham mais possibilidade de desenvolver distúrbios psiquiátricos.

Porém, jovens com pais divorciados apresentam um risco de 30% de se depararem na condição NEEF, em comparação com outros jovens (Eurostat, 2019).

No entanto, as aspirações representam um papel fulcral no futuro das escolhas educacionais dos indivíduos e tendem a ser moldadas pelas suas experiências educacionais (Yates, 2011). Os pais são os principais socializadores das aspirações e realizações dos filhos (Yates, 2011). Bynner & Parsons (2002), no seu estudo referem que as baixas aspirações dos filhos são influenciadas pelas dos pais.

Especificamente, Rennison, et al. (2005) relatam que, pais com baixos níveis educacionais têm pouco conhecimento para dar conselhos aos filhos de opções educacionais, encaminhando-os para seleções inadequadas ou nenhuma. Contudo, pais de jovens NEEF referiram que as suas experiências educacionais eram insuficientes para compreender e aconselhar adequadamente os filhos, visto que não trabalhavam ou possuíam baixos níveis educacionais (Rennison et al., 2005). Este pouco conhecimento pode auxiliar na compreensão de baixos níveis de envolvimento parental na educação dos filhos (Rennison et al., 2005). Pemberton (2008) na sua investigação menciona que a maior parte dos NEEFs descreveram ter poucos níveis de apoio dos pais. O suporte parental (Alfieri et al., 2015) e o interesse pela educação dos filhos (Bynner & Parsons, 2002) revela favorecer não cair na condição NEEF.

No estudo desenvolvido por Alfieri, et al. (2015), um dos resultados principais observados foi que o nível de escolaridade que os pais adquirem demonstra proteger a condição de ser jovem NEEF, nos dois géneros. Neste seguimento, baixos níveis de escolaridade obtidos pelos pais demonstram influir na circunstância NEEF dos filhos (Pitkanen et al., 2019), estar relacionado a trajetos educacionais fragmentados (Schoon, 2014), a privação económica (Backman & Nilsson, 2011) e ao nível de emprego adquirido (Ayorech et al., 2018). Já na investigação de Duckworth & Schoon (2012), a baixa escolaridade dos pais aumentou o estatuto de se tornar NEEF em cerca de 30%, enquanto na observação de Pitkanen, et al. (2019) foi de 90%.

Em suma, ainda que, o estatuto socioeconómico e o desempenho educacional sejam entendidos como variáveis ambientais, descobertas genéticas apontam que, estes apresentam

influência (Knopik et al., 2017, como citado em Ayorech et al., 2018). Assim sendo, pode admitir-se que as diferenças de influências genéticas têm impacto nas trajetórias educacionais dos indivíduos, com intuito que estes produzam escolhas educacionais que estão ligadas com as suas capacidades educacionais e disposições genéticas (Ayorech et al., 2018).

2.3. Os Estilos Parentais

Os primeiros estudos sobre a parentalidade realizados nas primeiras décadas do século XX, mostraram ser escassos, porém fulcrais, no desenvolvimento desta temática, remetendo os investigadores para uma discussão teórica (Maccoby, 1992).

A relação dos pais com os filhos era encarada como uma aprendizagem de transmissão de conhecimento e cultura de comportamentos, influenciada pelas características da personalidade dos pais (Maccoby, 1992). Contudo, no período dos anos 60, 70 e 80 existiram mudanças significativas ao nível da parentalidade, através das quais o desenvolvimento da criança começa a ser considerado como um sistema bidireccional e de socialização na interação das relações entre pais-filhos (Maccoby, 1992).

Assim, Diana Baumrind (1966), partindo desta mudança de perspetiva, e por meio da sua observação da qualidade das relações entre pais e filhos, desenvolveu um estudo para explicar os modelos de controlo parental, posteriormente chamados de estilos parentais, com o intuito de analisar os efeitos dos comportamentos dos pais perante as condutas de socialização dos filhos.

Os estilos parentais definem-se por características globais de atitudes sobre situações de interação expostas pelos pais aos filhos, em virtude dos seus comportamentos, originando um clima emocional (Darling & Steinberg, 1993). Estes podem ser caracterizados em três padrões distintos: o estilo permissivo, autoritário e autoritativo (Baumrind, 1967).

O estilo parental permissivo reflete um comportamento complacente mediante os impulsos, interesses e as atitudes da criança, atendendo sobretudo um carácter não-punitivo. Através deste estilo estabelecem-se regras familiares esclarecendo o seu propósito, exigindo pouco do comportamento da criança, dando espaço à criança para utilizar os seus próprios mecanismos de autorregulação. Manifestado não, um papel de agente ativo responsável por alterar e controlar padrões de comportamento dos filhos, através da imposição de regras, mas sim de concretização dos seus desejos. Assim, o estilo permissivo apresenta-se por um contínuo de comportamentos de afetuosidade, com resposta às necessidades estabelecidas pelas crianças, sem a utilização de comportamentos de rigidez (Baumrind, 1967).

No estilo parental autoritário, os pais ajustam, dominam e determinam o comportamento dos filhos, mediante os seus padrões de conduta absolutos. Neste estilo, privilegia-se a obediência, o respeito pela superioridade e a valorização das regras estabelecidas. Assim, filhos que exibem comportamentos ou atitudes que não vão ao encontro dos padrões de comportamento admissíveis pelos pais, geram conflitos apoiados pela utilização de práticas punitivas e modelos coercivos como forma de exercer controlo. Este estilo parental autoritário é caracterizado por níveis reduzidos de apoio e envolvimento parental, pela restrição da autonomia dos filhos, através de demonstrações de poder parental, sem o uso de incentivos verbais bidireccionais, acreditando que as crianças devem obedecer e aceitar aquilo que os pais acham ser o correto para os filhos (Baumrind, 1967).

Já no estilo parental autoritativo, os pais orientam as ações desenvolvidas pelos filhos, de um modo racional e dirigido para o problema. Através deste estilo, os pais encorajam os filhos para o diálogo, partilhando as suas perspetivas sobre as razões como agem, quando as crianças se recusam a concordar com a visão parental. São também reforçadas as qualidades da criança, mas exercem-se padrões de disciplina para afirmar a autoridade parental, baseados nos objetivos e não nos interesses da criança. Portanto, este estilo aplica controlos parentais divergentes sem restrições entre pais e filhos, atendendo à flexibilidade e necessidade da criança (Baumrind, 1967).

Maccoby & Martin (1983) procederam a uma revisão do modelo teórico desenvolvido por Baumrind (1967) e reparam que os padrões de comportamentos parentais permissivos não eram todos iguais. Nesse sentido, distinguiram dois tipos de padrões de estilos parentais permissivos: os indulgentes e os negligentes.

O estilo parental negligente é representado por uma fraca responsividade e exigência parental, sobretudo no envolvimento das suas funções de parentalidade, ao nível do controlo do comportamento e suporte das necessidades básicas dos filhos. Os pais manifestam competências afetivas e relacionais reduzidas, sem a imposição de regras e limites aos filhos, não demonstrando envolvimento na vida dos seus filhos, sendo os próprios os mediadores das suas atividades, comportamentos e atitudes (Maccoby & Martin, 1983). Já, o estilo parental indulgente é caracterizado por uma baixa exigência parental e uma elevada responsividade parental, no que diz respeito às necessidades e interesses dos filhos, dando valor sobretudo à comunicação nas suas relações. Os pais não exigem, assim, controlo sobre a forma como os filhos se devem comportar (Maccoby & Martin, 1983).

Deste modo, emergem assim quatro estilos de padrões de comportamento parental (autoritativo, autoritário, negligente e indulgente), determinados por duas dimensões

principais implícitas nas práticas parentais, de acordo com Maccoby & Martin (1983): afetuosidade ou responsividade e exigência ou supervisão. A responsividade ou afetuosidade parental diz respeito às atitudes, de suporte emocional e de interação comunicacional dos pais com os filhos, nomeadamente aos seus pedidos, necessidades e interesses, podendo ser descrita por comportamentos calorosos e sensíveis ou, no extremo oposto, por comportamentos frios e hostis (Maccoby & Martin, 1983). Já a exigência ou supervisão parental, está relacionada com o nível de controlo do comportamento parental através da imposição de regras, de modelos de comportamento e limites impostos pelos pais aos filhos, podendo oscilar entre controlo excessivo e exigências muito elevadas até à inexistência de controlo e supervisão (Maccoby & Martin, 1983).

Em suma, pais autoritativos tendem a ser exigentes e responsivos, pais autoritários deveras exigentes e pouco responsivos, pais permissivos não muito exigentes mas demasiado responsivos, pais negligentes pouco exigentes e responsivos e pais indulgentes pouco exigentes e demasiado responsivos (Maccoby & Martin, 1983).

2.4. Estilos Parentais: Relevância na Trajetória dos Jovens

No seguimento das observações efetuadas nos estudos de Baumrind (1966), outras investigações realçaram a importância dos estilos parentais no desenvolvimento dos jovens (Baumrind, 1991). Os determinantes associados às interações entre pais e filhos e o modo como as mesmas, são desenvolvidas nos seus estilos parentais (Darling & Steinberg, 1993), influenciam os padrões de comportamento (Baumrind, 1991) e o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes e dos jovens adultos (Mota & Pinheiro, 2018).

A literatura tem demonstrado que jovens NEEF encontram-se em maior risco de desenvolver psicopatologias, consumos abusivos de substâncias ilícitas, exclusão social e comportamentos antissociais (Benjet et al., 2012). Por sua vez, o estilo parental mostra ser um importante mediador da saúde mental dos adolescentes e jovens adultos. Nomeadamente, estilos parentais negativos demonstram uma forte ligação a sintomas psicopatológicos, no desenvolvimento de comportamentos de violência e agressividade (Mota & Pinheiro, 2018), os quais são mais comuns na condição NEEF (Benjet et al., 2012).

Estudos realizados com adolescentes, filhos de pais autoritários, demonstram que os jovens manifestam resultados moderados de cumprimento dos padrões das normas determinadas pelos pais, resultados mais benéficos de desempenho escolar (Lamborn et al., 1991), nomeadamente um maior comprometimento escolar e com os docentes (Steinberg et

al., 2006), maior empatia e temperamento (Steinberg et al., 2006). Porém, apresentam baixa autoestima (Lamborn et al., 1991), satisfação com a vida (Lavric & Naterer, 2020) e baixos problemas de comportamento de externalização (Lamborn et al., 1991; Williams et al., 2009; Steinberg et al., 2006). Sobretudo, especialmente são observados elevados níveis de perturbações psicológicas nos jovens (Lamborn et al., 1991) nomeadamente perturbações psicológicas antissociais (Russell et al., 2003), problemas de comportamento de internalização (Lamborn et al., 1991; Steinberg et al., 2006; Williams et al., 2009) particularmente altos níveis de depressão (Lamborn et al., 1991).

A distinção entre o estilo parental autoritativo e autoritário encontra-se na medida de controlo psicológico imposto pelos pais (Lamborn et al., 1991). Crianças expostas a um estilo parental autoritativo durante a infância, demonstram níveis mais elevados de satisfação com a vida na adolescência (Lavric & Naterer, 2020). O estilo parental autoritativo é considerado o estilo que melhor promove um desenvolvimento normativo na adolescência e na idade adulta por Baumrind (1978), também demonstrado noutras investigações (Baumrind, 1971; Kaufmann et al., 2000; Klein & Ballantine, 2001; Lamborn et al., 1991), mesmo quando associado a contextos de alto risco (Dwairy, 2008).

A literatura existente sobre os relacionamentos entre pais e adolescentes, que cresceram em ambientes com estilos parentais autoritativos aponta que os adolescentes adquirem mais competências individuais e sociais (Klein & Ballantine, 2001; Lamborn et al., 1991; Steinberg et al., 2006), autoconfiança (Lamborn et al., 1991) empatia e temperamento (Steinberg et al., 2006), autoestima (Baumrind, 1966), desempenho psicológico (Klein & Ballantine, 2001; Lamborn et al., 1991), são mais responsáveis (Lamborn et al., 1991), obtêm resultados vantajosos em termos escolares (Klein & Ballantine, 2001; Leung et al., 2004; Steinberg et al., 2006), evidenciam menos problemas de comportamento externalizantes e internalizantes (Lamborn et al., 1991; Steinberg et al., 2006) e menor tendência a consumir estufacientes e a praticar comportamentos delitos (Baumrind, 1978; Klein & Ballantine, 2001).

No estudo desenvolvido por Lamborn, et al. (1991), com adolescentes filhos de pais permissivos, verificaram-se níveis altos de autoconfiança nos jovens, desinteresse escolar e problemas de comportamento externalizantes tais como comportamentos disruptivos, excesso de consumos ilícitos continuados e agressividade com os pares. Os adolescentes com pais permissivos manifestam-se, também, mais vulneráveis quanto ao desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica, nomeadamente ansiedade e depressão (Wolfradt et al., 2003), baixos níveis de satisfação com a vida (Lavric & Naterer, 2020), pouco autocontrolo, autoconfiança e autoestima (Baumrind, 1971).

Quanto aos filhos de pais permissivos negligentes, as investigações demonstram menores capacidades sociais e psicológicas, maiores distúrbios comportamentais, menor autoestima e maiores comportamentos delinquentes e de desinteresse escolar (Lamborn et al., 1991). Nomeadamente, ao nível do estilo parental permissivo indulgente, os adolescentes demonstram baixa autoestima, abandono escolar, consumo excessivo de estupefacientes e elevados problemas comportamentais (Maccoby & Martin, 1983).

Paralelamente, em termos das dimensões da parentalidade, verifica-se que a dimensão de afetuosidade ou responsividade é uma importante mediadora no desenvolvimento psicológico global dos jovens (Lamborn et al., 1991). Já, uma exigência ou supervisão baixa, está relacionada a níveis altos de comportamentos disruptivos, principalmente comportamentos delinquentes e abusos de substâncias (Baumrind, 1991; Lamborn et al., 1991).

Estudos realizados, com jovens que residem em ambientes de pobreza socioeconómica, encontram-se mais vulneráveis ao desenvolvimento de problemas de saúde mental, sociais e emocionais, bem como a uma maior predisposição a que estes perdurem no decorrer da sua vida. Jovens de famílias com estatutos económicos altos manifestam um estilo autoritativo (Lamborn et al., 1991). Contudo, famílias com estatutos económicos baixos demonstram estilos autoritários ou permissivos (Lamborn et al., 1991).

CAPÍTULO 3

Método

A abordagem utilizada para este estudo é qualitativa, uma vez que permite investigar e explicar a singularidade dos fenómenos humanos ocorrentes em cada realidade individual, através de palavras (Holanda, 2006).

Um estudo qualitativo remete para a compreensão do significado de determinados propósitos e situações, detiveram nos atos individuais e nas relações sociáveis dos indivíduos, partindo da compreensão das suas próprias narrações (Fortin, 2009, como citado em Holanda, 2006).

Assim, a abordagem qualitativa seguida neste estudo permitirá descrever como são caracterizados os estilos parentais por jovens NEEF, através da perspetiva individual de cada jovem, tal como ela é apresentada na sua singularidade. O estudo é de natureza descritiva e exploratória.

3.1. Participantes

Os participantes foram selecionados através do projeto “CLDS 4G Moita - Intervir para Incluir!”, no qual a mestranda realizou o seu estágio curricular. Foi, ainda, recrutado um participante, através do projeto parceiro: “CLDS 4G Barreiro – Comsigo” que correspondia aos critérios de seleção.

Quanto aos critérios de seleção dos participantes, foi estabelecido que os jovens deveriam ter idades compreendidas dos 15 aos 34 anos de idade e ser jovem NEEF, encontrando-se: 1- Desempregado/a ou inativo/a em termos económicos conforme as definições da Organização Internacional do Trabalho (OIT) ou 2- Estar há quatro semanas antecedentes ao OIT, excluído/a de qualquer tipo de emprego, educação ou formação (Eurostat, 2019).

Participaram 11 jovens NEEF, com idades compreendidas entre os 17 e 34 anos de idade ($M = 28.36$, $DP = 5.83$), dos quais 72.70% ($n = 8$) eram do sexo feminino e 27.30% ($n = 3$) do sexo masculino; 90.90% ($n = 10$) residiam no concelho da Moita e 9.10% ($n = 1$) do Lavradio, encontrando-se 36.40% ($n = 4$) dos participantes a viver com os pais e 63.60% ($n = 7$) com outros familiares.

No que toca à nacionalidade, 72.70% ($n = 8$) era de nacionalidade portuguesa, 18.20% ($n = 2$) de nacionalidade angolana e 9.10% ($n = 1$) de nacionalidade brasileira, sendo que

27.30% ($n = 3$) são imigrantes, 9.10% ($n = 1$) já estiveram em situação de imigração e 63.60% ($n = 7$) nunca tinham sido imigrantes.

No que diz respeito à escolaridade, 45.50% ($n = 5$) dos participantes tinha completado o 12.º ano, 9.10% ($n = 1$) possuía o 6.º ano, 45.50% ($n = 5$) concluíra o 9.º ano. Quanto ao estado civil, 72.70% ($n = 8$) eram solteiros e 27.30% ($n = 3$) estavam casados. Ao nível da situação profissional, 90.90% ($n = 10$) estavam desempregados e 9.10% ($n = 1$) não procurava trabalho, educação ou formação por vontade própria.

Relativamente, ao grau de parentesco descrito pelos participantes como seus cuidadores nas entrevistas, 63.60% ($n = 7$) referiram-se aos seus pais, 18.20% ($n = 2$) aos avós, 9.10% ($n = 1$) à avó e 9.10% ($n = 1$) há mãe. Entre os participantes, 27.30% ($n = 3$) mencionaram que os seus pais tinham falecido, 36.40% ($n = 4$) eram mães viúvas, 9.10% ($n = 1$) tinham pais casados, 9.10% ($n = 1$) tinham pais divorciados e 18.20% ($n = 2$) tinham pais solteiros. É de referir que 63.60% ($n = 7$) dos participantes foram pais entre os 17 e os 26 anos de idade. O quadro 1. sintetiza as características sociodemográficas dos participantes.

Quadro 1*Caracterização Sociodemográfica dos Participantes*

Participante	Idade	Sexo	Residência	Nacionalidade	Imigrante	Com quem vive	Filhos	Idade de parentalidade	Estado civil	Grau de parentesco	Estado civil dos pais	Escolaridade	Situação
1	25	Feminino	Moita	Angolana	Sim	Irmão, dois primos	0	-	Solteira	Pais	Solteiros	12.º ano	Desempregada há 2 anos.
2	31	Feminino	Moita	Portuguesa	Não	Filhos	4	17	Solteira	Avós	Faleceram	6.º ano	Desempregada há 1 ano.
3	33	Feminino	Moita	Portuguesa	Já foi	Filho	1	25	Casada	Pais	Faleceram	12.º ano	Desempregada há 2 anos.
4	33	Feminino	Moita	Angolana	Sim	Filho	1	28	Solteira	Pais	Viúva	12.º ano	Desempregada há 1 e meio.
5	34	Feminino	Moita	Portuguesa	Não	Companheiro, filhos	3	18	Solteira	Avós	Divorciados	9.º ano	Desempregada há 6 anos.
6	32	Feminino	Moita	Portuguesa	Não	Pais, irmão, sobrinhas, filhos	2	22	Solteira	Pais	Casados	9.º ano	Desempregada há 1 ano.
7	22	Feminino	Moita	Portuguesa	Não	Avó	0	-	Solteira	Avó	Faleceram	9.º ano	Desempregada há 1 ano.
8	22	Feminino	Moita	Brasileira	Sim	Marido, filho, mãe	1	21	Casada	Pais	Solteiros	12.º ano	Desempregada há 2 anos.
9	33	Masculino	Moita	Portuguesa	Não	Mulher, filho	1	26	Casado	Pais	Viúva	9.º ano	Desempregado há 4 anos.
10	17	Masculino	Moita	Portuguesa	Não	Mãe, tio, avó	0	-	Solteiro	Mãe	Viúva	9.º ano	Não procuro trabalho, educação ou formação por vontade própria.
11	30	Masculino	Lavradio	Portuguesa	Não	Mãe	0	-	Solteiro	Pais	Viúva	12.º ano	Desempregado há 1 ano.

2.2. Instrumentos

A recolha de dados foi feita através de uma entrevista semi-estruturada com uma abordagem narrativa que é vista como a mais apropriada para esclarecer as temáticas em análise, uma vez que permite o relato de episódios pessoais e significativos dos participantes em relação aos estilos parentais dos seus cuidadores (e.g. avós) (Wengraf, 2001).

Foi desenvolvido um guião especificamente para este estudo, com o intuito de obter informação relevante para caracterizar os estilos parentais dos jovens NEEF, através do relato das suas experiências nos seus estilos parentais. O guião foi preparado a partir dos objetivos específicos e da revisão de literatura para o estudo, bem como através de pesquisas de questionários sobre estilos parentais e objetivos de estudos qualitativos na mesma área temática. O guião era composto pelas seguintes partes: (a) relato de memórias sobre práticas parentais por parte dos jovens NEEF e (b) perspetivas dos jovens NEEF sobre o exercício da parentalidade, no presente, por parte das respetivas figuras cuidadoras. Na primeira parte, foram explorados de que modo os estilos parentais das figuras parentais destes jovens se expressaram em temas como o percurso escolar dos jovens, a sua socialização ou a gestão de rotinas. Na segunda parte da entrevista, foram colocadas questões sobre o apoio parental social atual e interações com as figuras cuidadoras relativamente às decisões profissionais.

Foi também realizado um questionário de dados demográficos para os participantes preencherem, a fim de compreender e conhecer quais as características associadas à sua condição de jovem NEEF. Foram colocadas perguntas relativas ao sexo, idade, local de residência, nacionalidade, se é, já foi ou nunca foi imigrante, agregado familiar, parentalidade (se tem filhos), com que idade foi mãe ou pai, estado civil do/a próprio/a e dos seus pais, nível de escolaridade e situação NEEF em que se encontra (desempregado e há quanto tempo, se está à espera ou com dificuldade, em descobrir um emprego que vá ao encontro das suas qualificações ou aptidões, se está restringido de opções de trabalho, educação ou formação por motivos de deficiência, doença ou prestação de cuidados a familiares ou se não procura trabalho, educação ou formação por vontade própria) (Eurofound, 2012).

2.3. Procedimentos

O estudo assegurou todas as normas éticas de confidencialidade e anonimato presentes no consentimento informado. A participação no estudo foi totalmente voluntária. Foi realizado o contacto por telefone com os participantes pela mestranda, sem qualquer tipo de apelo à sua participação.

Foi estabelecido o primeiro contacto com os participantes por telefone, pelos técnicos dos projetos responsáveis pelo acompanhamento de cada jovem, por meio da relação de confiança já estabelecida por estes com os participantes. Nesse momento foi explicado o estudo, quem o estava a realizar e solicitado a participação. Seguidamente, foi realizado o contacto por telefone com os participantes interessados pela mestranda, para agendar as entrevistas.

Foram realizadas duas entrevistas-teste, para verificar a adequação do guião da entrevista no estudo. Seguidamente, realizaram-se as restantes entrevistas presencialmente no local onde a mestranda realizou o seu estágio académico e foi feita a gravação áudio das mesmas, para garantir um maior rigor na análise da informação recolhida. As entrevistas tiveram uma duração de trinta a sessenta minutos. Depois de realizadas as entrevistas, procedeu-se à transcrição de todas as respostas dos participantes.

Seguidamente passou-se à análise qualitativa de conteúdo da informação recolhida de modo a perceber quais os conteúdos que emergiram nos pontos de informação recolhida. Uma vez que o estudo contempla uma teoria existente de Baumrind (1967), denominada de teoria dos estilos parentais, optou-se por seguir uma abordagem dedutiva para compreender a forma como os conteúdos resultantes da informação recolhida baseiam-se e explicam a teoria em análise (Coutinho, 2008).

As categorias e as subcategorias da entrevista foram desenvolvidas através da revisão de literatura sobre a teoria dos estilos parentais de Baumrind (1967), considerando o modelo proposto no *Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – Versão Reduzida: Adaptação portuguesa do Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Form* de Miguel, Valentim & Carugati (2009) e depois integradas numa definição. A definição das categorias diz respeito a uma descrição do conteúdo que classifica cada categoria e subcategoria de acordo com os excertos apresentados nas entrevistas. Na totalidade, foram criadas 3 categorias e 15 subcategorias.

Por fim, os dados recolhidos foram transcritos em word e selecionados por unidades de significado em cada categoria, de acordo com os critérios definidos, na sua totalidade. Foram ainda, selecionados, aleatoriamente, 30% dos excertos correspondentes a cada subcategoria e facultados em conjunto com as definições de cada categoria a uma juíza exterior ao estudo. Os excertos foram enviados num documento do Microsoft Word, sem a respetiva codificação das subcategorias para a juíza, sendo que seguidamente a mesma efetuou a análise de conteúdo de acordo com a sua perspetiva.

CAPÍTULO 4

Resultados

A realização das 11 entrevistas resultou na análise de conteúdo de três categorias, entre as quais, o estilo parental permissivo indulgente, o estilo parental autoritário e o estilo parental autoritativo. As frequências e as percentagens de unidades de significado codificadas dentro de cada categoria são apresentadas no Quadro 2. Na totalidade, foram analisadas 329 unidades de significado que foram codificadas em cinco subcategorias para cada categoria, que serão apresentadas nos resultados seguintes.

Quadro 2

Unidades de Significado por Categorias

Categorias	Participantes	Frequências	Percentagem (%)
Estilo parental permissivo indulgente	7	187	56.84%
Estilo parental autoritativo	3	106	32.22%
Estilo parental autoritário	1	36	10.94%
Total	11	329	100

4.1. Categoria Estilo Parental Permissivo Indulgente

Na categoria *estilo parental permissivo indulgente* foram analisadas 187 unidades de significado, que correspondem a 56.84% da informação recolhida. Este estilo parental foi descrito por 7 participantes. Esta categoria é constituída por cinco subcategorias, as quais são a indulgência, a afetuosidade, a autorregulação, a ausência de controlo, limites e padrões comportamentais e apoio inadequado. As frequências e as percentagens de unidades de significado codificadas dentro das subcategorias desta categoria são apresentadas no Quadro 3. Foram utilizados nomes fictícios na identificação dos exemplos dados pelos participantes para cada subcategoria.

Quadro 3

Unidades de Significado do Estilo Parental Permissivo Indulgente

Subcategorias	Frequências	Porcentagem (%)
Autorregulação	71	37.97%
Afetuosidade	63	33.69%
Ausência de controlo, limites e padrões comportamentais	32	17.11%
Indulgência	16	8.56%
Apoio inadequado	5	2.67%
Total	187	100

A subcategoria *autorregulação* cobriu 71 unidades de significado, correspondendo a 37.97% das unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria é definida por referências do jovem NEEF associadas à regulação dos seus próprios comportamentos, rotinas, amizades, decisões escolares, pessoais e profissionais. Este tema surgiu em exemplos como o seguinte sobre o passado do percurso escolar da participante:

Entrevistador: Então eu começa por perguntar se me podia falar um bocadinho sobre o seu percurso escolar.

Maria: *“Olha eu adorava a escola, se não continuei foi porque tive a minha filha não tive essa possibilidade de continuar, gostava de voltar à escola gostava, mas em relação ao ter os meus filhos com os problemas que têm não tenho essa possibilidade para já, até falei com a doutora Luísa para ir fazer um curso de informática porque ela disse que era só de manhã e tal mas acabou por não acontecer. O meu percurso escolar, eu comecei na escola com sete anos na primeira classe, faço anos em Janeiro, atrasaram-me um ano a sério, comecei na escola sempre tive boas notas, não posso dizer que saí do nono ano com uma excelente média não, também é aquela fase da vida em que a gente*

está-se a barimbar para não dizer asneiras, a barimbar para aquilo, chumbei no oitavo ano porque tive que ir trabalhar pó meu irmão conseguir entrar no quinto com os livros e com o material escolar, eu tenho um irmão quatro anos mais novo que eu que é o meu filho mais velho, e a partir daí chumbei aquele oitavo por faltas porque eu ia lá fazer os testes e tinha boas notas só que na altura já se usava as faltas para chumbar, e então fui trabalhar para uma peixaria com onze anos para conseguir organizar as coisas e ajudar a minha avó também né coitada tava velha, mas sim é pá fiz, comecei o curso técnico de contabilidade gestão de empresas o qual eu adorava, entretanto tive a minha filha não houve possibilidade de continuar basicamente é isso” (p. 1 e 2).

A mesma subcategoria surgiu noutros exemplos como o seguinte sobre as rotinas passadas da participante:

Entrevistador: Ok e então durante a sua adolescência existia algum horário que tinha de cumprir, quando ia sair com os seus amigos?

Marta: *“Não eu é que dizia que chegava a casa àquela hora e chegava, eu própria dizia ò às onze, onze e meia ou meia-noite sempre que dizia aquela hora eu tava lá em casa e então acho que sempre confiaram em mim como eu cumpria sempre o horário, eu é que fazia o meu próprio horário”* (p. 4).

Entrevistador: Então e tinha algum tipo de regra ou horário que tinha que cumprir, por exemplo deitar-se a uma hora?

Marta: *“Não eu só deitava-me, não tinha assim nenhuma hora específica, eu é que gostava de me deitar cedo porque era para acordar bem-disposta”* (p. 5).

No que diz respeito à subcategoria *afetuosidade*, verificou-se a análise de 63 unidades de significado, correspondendo a 33.69% das unidades de significado dentro desta categoria. Nesta subcategoria a relação com os pais é descrita pelo jovem NEEF por comportamentos de afeto, envolvimento e de resposta às suas necessidades e desejos. Este tema foi referido em exemplos como o seguinte sobre as amizades no passado da participante:

Entrevistador: Ok então e como é que os seus pais lidavam com as suas amizades?

Carla: “ (...) o meu avó tinha outra mentalidade, mesmo o meu avô era o meu diário contava tudo ao meu avô, o meu avô tinha uma mentalidade muito mais aberta que o meu pai, já a minha avó não a minha avó era mais assim a gaja era má meu, o meu avô até soube quando eu perdi a virgindade, foi a primeira pessoa a saber que estava grávida e eu só descobri aos cinco meses, por isso é que ela veio porque eu tomava a pílula, eu tomava tudo, fui ao dentista esqueci-me oh pá tinha dezassete anos né, ia lá saber que aquilo tirava o efeito à coisa, ya o período apareceu durante os primeiros cinco meses quando deixou de me aparecer disse ao meu avô, oh avô há aqui qualquer coisa que não bate certo atão não veio, ele é que foi comigo fazer a análise ao sangue à clínica e ele é que soube o resultado primeiro que eu, e depois perguntou-me assim o gajo aceita e eu não faço ideia, tu queres e eu quero então nós criamos, só para veres a mentalidade do meu avô percebes, se ele aceitar aceita se não aceitar nós criamos (...)” (p. 6 e 7).

A mesma subcategoria foi identificada noutros exemplos como o seguinte sobre o apoio parental social atual do participante:

Entrevistador: Ok, então e agora diga-me por favor, uma situação em que você não concordou com a opinião da sua mãe ou do seu pai?

Carlos: *“Por acaso isso nunca aconteceu, porque eu dava sempre ouvidos a eles e qualquer coisinha que eu tivesse assim de dúvidas ou de problemas era sempre com os meus pais que eu perguntava, tanto que ainda hoje quando tenho algum problema é o que eu faço, falo com a minha mãe até com o meu irmão que é seis anos mais velho do que eu, pergunto olha como é que é isto assim, assim, eu fiz isto, isto, eu estava a ser isto, isto, assim, assim, como é que é, mas eles respondem-me sim ou não, ou vai ou não vai, com a minha família eu sou assim, eu peço sempre conselhos a eles porque eu da minha família sou um dos mais novos ali e então eu peço sempre conselhos e peço sempre ideias para o que eu devo fazer ou que não deva fazer”* (p. 15).

Entrevistador: Então e por exemplo, quando vocês estão em desacordo com alguma coisa, por exemplo como você disse que às vezes tem alguns desacordos familiares, costumam de resolver, como é que costuma de ser?

Carlos: *“É mostrando mesmo provas, uma coisa que eu digo, que eu por exemplo, isto dá para abrir a minha mãe diz que não, mas eu mostro que dá para abrir e tento sempre mostrar o meu lado da razão, mas quando vejo que a minha mãe ou o meu irmão têm razão, eu sou o próprio a bater o pé e a dizer que têm razão”* (p. 16).

Relativamente, à subcategoria *ausência de controlo, limites e padrões comportamentais*, foram identificadas 32 unidades de significado, constituindo 17.11% das unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria envolve

referências do jovem NEEF a decisões pessoais, relacionais e profissionais nas quais os pais não exigem controle e limites sobre a forma como o jovem se deve comportar e na aceitação perante os seus impulsos, vontades e ações. Este tema foi mencionado em exemplos como o seguinte sobre as amizades passadas do participante:

Entrevistador: Então e por exemplo quando você saía à noite com os seus amigos, tinha algum horário ou alguma regra para cumprir?

Guilherme: *“A minha mãe dizia assim olha à uma da manhã vá às duas tens de estar em casa, abalava às dez, nove e meia quando era um aniversário, saía mais cedo para ir ao jantar, eu disse mãe olha vou ao aniversário da Filipa que era uma amiga minha depois daí não sei a que horas é que chego a casa, posso chegar às duas, três, quatro da manhã, tá bem filho, a minha mãe já sabia, sabe por onde é que eu entrava na altura na primeira casa, entrava pela cozinha que aquilo para subir era mais ou menos alto, a janela era assim do meu quarto, não conseguia pôr o pé aqui não conseguia, entrava pela cozinha tinha aquele pialozinho punha o pé e entrava, tirava os sapatos e ia para o quarto ou para a sala, depois a minha mãe já topava, ia à casa de banho devagarinho e espreitava cagava-me todo e ela na sala, aí este menino e não sei quê, eu assim eu tou aqui na sala, ah tá bem, então só chegaste agora, não já cheguei à umas duas horas, eu tinha acabado de chegar”*
(p. 10).

Esta mesma subcategoria foi identificada noutros exemplos como o seguinte sobre as rotinas passadas da participante:

Entrevistador: Ok então e por exemplo quando você saía para ir ter com os seus amigos, eles impunham alguma regra, por exemplo hora de chegar?

Emília: *“Sim impunham e eu nunca cumpria fugia pela janela, tinha dias se eu não fizesse em casa aquilo, não podia sair, mas fazia e depois eles no final já não me deixavam sair na mesma e eu era esperta saia pela janela fugia” (p. 20).*

Na subcategoria *indulgência*, foram identificadas 16 unidades de significado que equivalem a 8.56% das unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria tem como definição a referência do jovem NEEF a decisões pessoais, relacionais e profissionais contrárias às dos seus pais, determinadas pelos próprios desejos e ambições do jovem. Este tema emergiu em exemplos como o seguinte sobre as interações com os pais relativamente às decisões profissionais da participante:

Entrevistador: Então e explique-me de que forma é que os seus pais acompanharam essas experiências profissionais que você tem?

Lúcia: *“Ah sempre bem, sempre reagiram bem eles, eu dizia que queria ir trabalhar, até deixei a escola para ir trabalhar, mas a minha mãe disse que não vale a pena não é preciso o pai tá a trabalhar, mas eu quero ajudar, eu própria dizia eu quero ajudar, pronto se a tua decisão é essa deixar a escola para ir trabalhar olha dou-te eu apoio, se não conseguires arranjar trabalho, olha voltas a estudar e por acaso voltei a estudar” (p. 9).*

Entrevistador: O seu pai o que é que ele disse?

Lúcia: *“O meu pai nunca queria que eu trabalhasse tão cedo, queria que eu fizesse escola, mas também aceitou bem, eu ajudava em casa, porque ver só o meu pai a trabalhar e o meu irmão prontos, o meu irmão depois juntou-se e foi prá casa dele, só o meu pai é que trabalhava para pagar tudo sozinho, eu não conseguia aguentar ver isso não dava e gostava de ter o meu dinheiro, ter as minhas coisinhas pronto” (p. 9).*

A mesma subcategoria emergiu noutros exemplos como o seguinte sobre o passado do percurso escolar do participante:

Entrevistador: Ok. Então agora, fala-me assim de uma decisão muito importante que tenhas tomado, relativamente à tua educação que te lembres e como é que a tua mãe lidou. Por exemplo olha, quando tiveste que deixar a escola agora no décimo, já não estás na escola certo?

Lourenço: “*Sim*” (p. 2).

Entrevistador: Como é que a tua mãe lidou, o que é que ela te disse?

Lourenço: “*Ela disse para eu aprender mais, para ir pelo menos até ao décimo primeiro ano, para eu acabar e para ir para o curso de desporto*” (p. 2).

Entrevistador: E o que é que lhe disseste?

Lourenço: “*Disse que não*” (p. 2).

Entrevistador: Disseste que não, que não te apetecia, querias ir trabalhar?

Lourenço: “*Sim*” (p. 2).

Entrevistador: E o que é que ela disse mais?

Lourenço: “*Não disse mais nada. Ela depois disse se eu não quero ir para a escola, para ir à procura de trabalho*” (p. 2).

Já em relação à subcategoria *apoio inadequado* foram identificadas 5 unidades de significado, correspondendo a 2.67% das unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria inclui referências do jovem NEEF a decisões pessoais, relacionais e profissionais pautadas por uma prestação de apoio excessivo dos pais relativamente à situação, dando sobretudo primazia à comunicação nas suas relações com os filhos. Este tema foi expresso em exemplos como o seguinte sobre as interações com os pais relativamente às decisões profissionais da participante:

Entrevistador: Então agora pedia-lhe se, se lembra de uma decisão muito importante que tenha tomado e que notou que o apoio dos seus pais foi muito importante para si nessa decisão?

Célia: *“Foi mesmo quando eu me juntei, foi mesmo quando eu me juntei, foi aquela decisão mesmo e então os meus pais apoiaram-me, disseram-me ah tudo muito bem mas tem cuidado, olha que a cama que desfazes é a cama que vais fazer e pronto eu não dei ouvidos a eles e pronto, por duas vezes”* (p. 6).

Entrevistador: Então e pode-me dar um exemplo do tipo de apoio que sentiu nessa decisão que tomou?

Célia: *“Eles sempre tiveram ali a ajudar-me, eu quando me juntei eu não tinha nada praticamente, então o meu pai trabalhou para me ajudar a ter as minhas coisas para a minha casa, a minha mãe quando ia à loja comprava-me sempre um saquinho com coisas para pôr no frigorífico, sempre estiveram presentes lá portanto”* (p. 6).

A mesma subcategoria surge expressa noutros exemplos como o seguinte sobre o apoio parental social atual do participante:

Entrevistador: Então e em que é que foi importante o apoio da sua mãe nessa situação?

Gustavo: *“Foi mesmo é a tal coisa, o apoio da minha mãe foi quando foi chamada à escola, a minha mãe disse só, o meu filho só faz isto por uma razão e se ele fez isto por esta razão, foi porque eles também quiseram fazer alguma coisa, porque ele também quis bater no meu filho, isto umas quatro, cinco vezes que eu era assim e eu estava sempre a sofrer de bullying, houve uma altura em que eu passei-me foi quando eu comecei a tornar-me rebelde”* (p. 14 e 15).

Entrevistador: Ok e então dê-me um exemplo, porque é que achou que o apoio da sua mãe nessa situação foi muito importante?

Gustavo: *“Porque era assim eu na escola, a minha mãe dizia sempre tu nunca deixes ninguém te bater e já o meu falecido pai também me dizia a mesma coisa, tu dança ao som da música que te dão, recebe o troco e devolve o troco da maneira como te dão e eu com doze anos foi quando a minha mentalidade começou a mudar um bocadinho, foi quando eu já comecei a ter uma atitude diferente daquilo que eu tinha, antes de tar a sofrer o bullying, porque até quando eu tava a receber o bullying todos os meus colegas faziam troça de mim, faziam o que queriam de mim e eu ficava caladinho, ficava tipo tás à vontade podes fazer o que quiseres, até podes-me dar queques na cabeça estás à vontade, a partir daí para a frente já foi ao contrário, já era eu que fazia bullying a eles”* (p. 15).

4.2. Categoria Estilo Parental Autoritativo

Na categoria *estilo parental autoritativo* foram enquadradas 106 unidades de significado, que correspondem a 32.22% da informação recolhida. Este estilo parental foi descrito por 3 participantes. Esta categoria é organizada por cinco subcategorias, as quais são o apoio, o diálogo, a autonomia, o estabelecimento de regras e o afeto. As frequências e as percentagens de unidades de significado codificadas dentro das subcategorias desta categoria são apresentadas no Quadro 4. Foram utilizados nomes fictícios na identificação dos exemplos dados pelos participantes para cada subcategoria.

Quadro 4

Unidades de Significado do Estilo Parental Autoritativo

Subcategorias	Frequências	Porcentagem (%)
Autonomia	37	34.91%
Apoio	27	25.47%
Afeto	23	21.70%
Diálogo	11	10.38%
Estabelecimento de regras	8	7.55%
Total	106	100

Quanto, à subcategoria *autonomia*, foram observadas 37 unidades de significado, que representa 34.91% das unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria tem como definição referências do jovem NEEF a afirmações que manifestam a confiança depositada pelos seus pais, para tomar as suas próprias decisões autonomamente e alcançar os seus próprios objetivos profissionais, escolares e pessoais. Este tema manifestou-se em exemplos como o seguinte sobre as rotinas passadas da participante:

Entrevistador: Ok e impunha mais alguma regra?

Eugénia: *“Não a minha mãe nunca foi muito de por regras assim não, ela sempre respeitou o tempo dos filhos, nunca foi de por regras, mesmo até agora ela não é, mesmo ela tando lá não é, mas ela sempre me educou assim faz as coisas direitinho porque eu às vezes faço sempre relatório, é algo que já foi ensinado desde pequenina, então todas as coisas, as contas da casa sou eu que aponto sempre e quando ela nos vem visitar leva sempre tudo”* (p. 5).

A mesma subcategoria foi identificada noutros exemplos como o seguinte sobre as rotinas passadas da participante:

Entrevistador: Então e pode-me dar exemplos de como é que a sua mãe organizava essas rotinas, por exemplo não sei se lhe preparava o almoço, se lhe deixava algum lanche, se a ia buscar à escola?

Eugénia: *“A minha mãe deixava tudo pronto. Ela saía de manhã às seis mas já estava tudo organizado no dia seguinte, ela chegava às dezoito horas, às seis da tarde fazia o jantar, deixava já tudo pronto, ela organizava os lanches nas lancheiras e dizia esse é o teu esse é o do teu irmão, a roupa também ficava toda preparada é e de manhã eu só preparava o meu irmão”* (p. 4).

A subcategoria *apoio*, foi analisada por 27 unidades de significado, que diz respeito a 25.47% de unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria engloba referências do jovem NEEF a demonstrações de interesse, envolvimento, atenção, preocupação, diálogo ou prestação de ajuda/apoio dos seus pais, através de práticas parentais que auxiliam o jovem a superar situações ao nível escolar, pessoal e profissional. Este tema emergiu em exemplos como o seguinte sobre as interações com os pais relativamente às decisões profissionais da participante:

Entrevistador: Então e que concelhos é que eles costumam de dar relativamente à sua experiência profissional?

Inês: *“A minha mãe e meu pai eles nessa questão eles falam muito parecido assim, de eu nunca desistir, é sempre lutar e fazer o que eu realmente gosto e não fazer algo por obrigação, claro que se for um momento de necessidade, você acaba fazendo algo às vezes que não gosta, mas eles me incentivam buscar algo que eu gosto, sempre dizem independente do que você quiser fazer nós vamos te apoiar sabe”* (p. 7).

Esta subcategoria foi também identificada em exemplos como o seguinte sobre as interações com os pais relativamente às decisões profissionais da participante:

Entrevistador: Então e o que é que foi importante para si nessa escolha da sua mãe em escolher o curso?

Diana: *“Não foi importante porquê, porque eu me vi no curso, é o que eu tou a dizer eu gosto muito de gestão de recursos humanos e de empresas e eu pude aprender bastante, é porque a minha mãe também é negociante como ela diz gosta dessas coisas, então me ajudou, ela foi sempre me acompanhando, sempre me dando conselhos nos trabalhos de casa ela me ajudava”* (p. 9).

Quanto à subcategoria *afeto*, foram observadas 23 unidades de significado, correspondendo a 21.70% de unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria é determinada por referências do jovem NEEF a afirmações de afeto, motivação, empatia e reforço positivo dos pais que mostram a confiança que o jovem tem nos pais, em partilhar as suas situações íntimas, expor de forma aberta os seus sentimentos, opiniões e preservar uma relação próxima. Este tema descrito em exemplos como o seguinte sobre as amizades no passado da participante:

Entrevistador: Então e agora vamos falar um bocadinho sobre as suas amizades, e eu perguntava-lhe como é que era a sua relação com os seus amigos na sua infância?

Mariana: *“Boa agora assim, eu não tenho muita lembrança porque eu sempre fui mais restrita assim, não de ter muitos amigos, até hoje em dia eu não tenho assim, a pessoa mais próxima que eu mais converso é a minha mãe mesmo”* (p. 3).

Esta subcategoria foi identificada noutros exemplos como o seguinte sobre o apoio parental social atual da participante:

Entrevistador: Então e agora pergunto-lhe, por exemplo quando tem assim decisões importantes para tomar ou para decidir, recorre sempre à sua família?

Bruna: *“Sim até hoje, embora às vezes o que é que eu aprendi no meio de tudo isso como imigrante, como imigrante eu já tinha um bocadinho disto mas em Angola no meu país, eu antes de fazer alguma*

coisa eu tinha a minha mãe como núcleo, eu tenho um projeto eu posso fazer o esquema do projeto até quando o projeto for aceite, a primeira pessoa que eu ia falar era a minha mãe, aí mãe olha fiz isso isso, às vezes até antes de você dar a prova do projeto nós ficávamos em casa a conversar que eu já não vivia com ela, mas eu ia pra lá às vezes num sábado, domingo, aí eu falava estou a pensar fazer isso e isso e ela é uma pessoa que apoia sempre e sempre foi assim, mas como imigrante e teve esse choque de eu sair da família de forma brusca vamos assim dizer, então eu passei a me fechar mais no que toca de dar a conhecer as minhas decisões, passou logo pela decisão de ficar não conseguia dizer, fiquei fui falando aos poucos porque seria muito brusco principalmente mesmo para a minha mãe, porque nós como disse tivemos um ano intenso e ficamos muito amigas, ela hoje em dia quando quer alguma coisa com as minhas irmãs, ela liga-me e diz olha fala com a tua irmã isso e isso, e eu nem sou a filha mais velha e foi isso então, eu fecho-me procuro ver aquilo que eu posso fazer no meio do que eu quero e só depois é que eu falo, porque se não tinha muita carga emocional no meio que acabou por afetar as tomadas de decisões seja a nível de trabalho, seja a nível de vida normal ou até às vezes a vida amorosa, aprendi que às vezes pronto a minha mãe já teve o momento dela e às vezes temos mesmo que ser nós a persistir, a dizer também vou fazer isto e não vou fazer isso, às vezes precisamos até uma semana, um mês a pensar e se for você avança, eu acho que o subconsciente está a dizer que sim e se não afeta a vida de ninguém, não tem nenhum mal em arriscar, se eu tiver um projeto, se eu tiver a fazer algo em que não vai

prejudicar ninguém ao meu redor, não vai prejudicar ninguém no mundo e eu queira fazer isso, eu acho que o meu subconsciente insiste em dizer para fazer e analiso mil e quinhentas vezes e vejo que como têm uma visão positiva daquilo que eu quero fazer, eu faço” (p. 18).

No que toca à subcategoria *diálogo*, foram observadas 11 unidades de significado, que equivalem a 10.38% de unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria é definida por revelações sobre interações parentais pelo jovem NEEF, representadas por providenciar informações designadas a aconselhar/sugerir e a aceitar escolhas a realizar ou desenvolvidas em termos profissionais, escolares e pessoais. Este tema surgiu em exemplos como o seguinte sobre as interações com os pais relativamente às decisões profissionais da participante:

Entrevistador: Então e agora peço-lhe uma decisão muito importante relativamente à sua formação académica, como é que a sua mãe lidou com essa situação, uma situação assim por exemplo escolher o curso da faculdade ou quando saiu do ensino básico para o secundário?

Helena: *“Em termos de curso, ela sempre disse que é para escolher o que eu gosto, e eu sempre dizia se alguém for me dar um conselho para curso que seria a minha mãe, porque ela teve sempre comigo só seria ela, então o curso de gestão de empresas por acaso foi uma escolha dela, tavámos as duas mas foi uma escolha dela e eu aceitei porque também é um curso que eu gosto, é mais da área de recursos humanos, mas a senhora lá explicou que gestão de empresa é mais amplo explora tudo” (p. 8).*

A mesma subcategoria foi identificada noutros exemplos como o seguinte sobre as interações com os pais relativamente às decisões profissionais da participante:

Entrevistador: Ok, então e que conselhos e sugestões é que a sua mãe costuma de dar para as experiências profissionais?

Helena: *“Ela disse sempre que é para ter calma, para não se precipitar em nada e para tentar conhecer bem o local para onde eu vou e sempre se me tratarem mal para nunca tratar mal de volta para sempre respeitar os mais velhos, eh ela diz sempre que é para ir tudo com calma”* (p. 8).

No caso da subcategoria *estabelecimento de regras*, foram observadas 8 unidades de significado, que abrangem 7.55% de unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria diz respeito a referências do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares, entre as quais, os seus pais estabelecem regras, demonstrando-se determinados a ajustar e a esclarecer as regras tendo em consideração o ponto de vista, o desenvolvimento e as necessidades do jovem. Este tema indicado em exemplos como o seguinte sobre as rotinas passadas da participante:

Entrevistador: E à noite tinha que se deitar cedo, havia alguma regra para cumprir?

Camila: *“Em casa sim tinha uma regra até criada principalmente para os meninos pequeninos né, os mais velhos depois ah não eu tou a estudar posso ficar mais tempo a ver filmes aquelas exceções, mas tinha uma regra tipo às vinte e três horas no máximo seja adulto, seja criança todo o mundo tinha que tar a dormir vinte e três, vinte e duas horas até quem estuda à noite já chegou, já jantou e já está ou no quarto a estudar, ou alguma coisa, mas tipo é aquele momento de recolher todo mundo tinha que estar na cama, o meu pai deitava-se muito mais cedo, a minha mãe um bocadinho mais tarde a ver os movimentos dos filhos, mas o meu pai sempre foi de se deitar mais cedo, nos últimos anos depois crescemos todos, acabávamos por ficar mais tempo em interação que o meu pai gostava muito de filmes, então era aquela noite tipo todo mundo em casa, ele dizia nós vamos assistir a um*

filme e ele punha tipo às vezes aqueles dias excepcionais, uma hora depois já tá tarde vamos para a cama todos, mas regra geral era vinte e duas horas, vinte e três horas todo o mundo a dormir isso até hoje” (p. 12).

Esta mesma subcategoria foi identificada em exemplos como o seguinte sobre as amizades no passado da participante:

Entrevistador: Ok. Então e recorda-se na sua adolescência se existia algum horário que tinha de cumprir quando ia ter com os seus amigos por exemplo, chegar a horas a casa?

Tatiana: “*Sim lógico tinha assim por exemplo, quando a gente se reunia assim era mais em questão de escola né, pra fazer um trabalho ou algo do tipo a minha mãe determinava um horário pra você voltar, então a gente tinha que realizar aquilo tudo, ter o nosso momento de conversa e no tal horário eu tinha que tar em casa” (p. 4).*

4.3. Categoria Estilo Parental Autoritário

Na categoria *estilo parental autoritário* foram analisadas 36 unidades de significado, que constituem 10.94% da informação recolhida. Este estilo parental foi descrito por 1 participante. Esta categoria é formada por cinco subcategorias, as quais são a punição, o controlo, a disciplina, o apoio e envolvimento parental reduzido e a restrição da autonomia. As frequências e as percentagens de unidades de significado codificadas dentro das subcategorias desta categoria são apresentadas no Quadro 5. Foram utilizados nomes fictícios na identificação dos exemplos dados pelos participantes para cada subcategoria.

Quadro 5

Unidades de Significado do Estilo Parental Autoritário

Subcategorias	Frequências	Porcentagem (%)
Apoio e envolvimento parental reduzido	17	47.23%
Disciplina	8	22.23%
Punição	5	13.89%
Controlo	3	8.34%
Restrição da autonomia	3	8.34%
Total	36	100

No que se refere, à subcategoria *apoio e envolvimento parental reduzido*, foram analisadas 17 unidades de significado que envolvem 47.23% de unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria entende referências do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares em que os seus pais desvalorizam os seus sentimentos e preocupações, acreditando que o jovem deve obedecer e aceitar aquilo que os seus pais acham ser o correto para si, não demonstrando qualquer tipo de apoio ou interesse em ajudar. Este tema apontado em exemplos como o seguinte sobre as rotinas passadas da participante:

Entrevistador: Ok então e durante o fim-de-semana, como é que era uma rotina tua?

Leonor: “*Dormia até meio-dia, porque eu na sexta-feira ainda me deitava mais tarde, passava o dia em casa sem fazer nada*” (p. 6).

Entrevistador: E nesse caso a tua avó

Leonor: “*A minha avó reclamava sempre, a minha avó quer que eu faça alguma coisa mas do agrado dela como ela quer e a partir do momento que eu lhe disse que não pode ser como ela quer, tem que ser também como a minha maneira é, ela não aceita e as coisas em casa pioraram*” (p. 6).

Esta subcategoria foi evidente noutros exemplos como o seguinte sobre o apoio parental social atual da participante:

Entrevistador: Ok. Então e por exemplo, quando tens de tomar uma decisão muito importante, recorres a ela ou alguma vez recorreste?

Leonor: *“Antes eu ia ter com ela e falava mas comecei a ver que não havia resultados, eu meto-me na cama a pensar, a pensar, a pensar, até meto música porque a música é uma coisa que me faz pensar mais, então eu fico a pensar sozinha e se eu não chegar a nenhuma conclusão, eu ligo a alguma amiga a pedir conselhos”* (p. 6).

Entrevistador: Ok, então mas o que é que ela por exemplo, nessas situações te dizia?

Leonor: *“Pensa por ti tu já és crescidinha, já tens mentalidade para tal”* (p. 6).

Em referência, à subcategoria *disciplina*, foram analisadas 8 unidades de significado, que descreve 22.23% de unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria consiste em referências do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares nas quais o comportamento do jovem rege-se por padrões absolutos de obediência, exigência, proibição e rigidez impostos pelos seus pais. Este tema identificado em exemplos como o seguinte sobre as rotinas passadas da participante:

Entrevistador: Ok e por exemplo tu dizes-me que chegavas a casa ou ias ver televisão, ou ias para o computador, arrumavas o quarto, por exemplo não estudavas ou a tua avó não te incentivava?

Leonor: *“Não, a questão em estudar depois das aulas não, não conseguia estudar em casa porque é assim a minha ligação com a minha avó não é boa, então mesmo que eu quisesse estudar eu tentava, cheguei a estudar até às quatro da manhã para fazer um trabalho de português, mesmo assim levei a nota má não sei porque. A minha avó não deixava,*

Leonor vai fazer isto, Leonor vai fazer aquilo e eu nunca conseguia estudar, nem tinha sítio como estudar, estudava em cima da cama, muitas vezes tive de ir para a biblioteca municipal da Moita para conseguir estudar era o meu refúgio” (p. 5).

Esta subcategoria foi identificada noutros exemplos como o seguinte sobre as rotinas passadas da participante:

Entrevistador: Então e por exemplo tu dizias-me que te deitavas tarde, fala-me um bocadinho sobre isso.

Leonor: *“Como eu não estudava né, eu tinha que me entreter com alguma coisa, via filmes, via a TVI pelo computador que é mais prático do que, estar sempre agarrada à televisão e também fazia menos barulho porque a minha avó deita-se cedo, via NetFlix, fazia chamadas, entretia-me com qualquer coisa, que não fosse estar a ouvir a minha avó” (p. 5).*

Em relação, à subcategoria da *punição*, foram analisadas 5 unidades de significado, que retrata 13.89% de unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria compõe-se por referências do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares nas quais o comportamento do jovem origina práticas parentais punitivas, modelos coercivos e controlo abusivo, com recurso a punição verbal, material ou física. Este tema retratado em exemplos como o seguinte sobre as rotinas passadas da participante:

Entrevistador: Então e agora pedia-te por exemplo, nessas rotinas que tu me descreveste, qual era as regras e os horários que a tua avó te impunha para cumprires durante a semana?

Leonor: *“A minha avó não me dava regras e quando me dava se eu dissesse mais cinco minutos, ela revoltava-se completamente comigo, como fosse para me dar uma chapada ou algo do género. Ela grita*

mesmo, eu se for para lhe dizer alguma coisa e ela tiver de mau humor, mesmo que não esteja ela grita comigo e houvesse na rua” (p. 5).

A mesma subcategoria foi evidente noutros exemplos como o seguinte sobre o apoio social parental atual da participante:

Entrevistador: Então e agora conta-me uma situação em que tu não tavas de acordo com a tua avó e como é que ela lidou com isso podes-me dar mesmo exemplos específicos?

Leonor: *“Uma vez que ela virou-se para mim e disse-me que queimava a roupa toda porque eu andava sempre com a mesma roupa, a desculpa dela era que eu andava sempre com a mesma roupa. Entretanto, eu não vou de modos e digo-lhe se queimas a minha roupa, eu vou queimar a tua também assim para ver se suavizava a situação, mentira piorou, agarrou no pau da vassoura, tentou entrar à força no meu quarto, a minha gata meteu-se à frente para me defender, para eu não levar uma tareia, mas ela até levou um pontapé tadinha, mas ela agarrou-me na minha cabeça, nos meus cabelos e atirou-me contra a parede e deixou-me com uma marca não sei se era do pau ou da vassoura, se era das unhas, que ela tem as unhas grandes, fiquei com uma marca no pescoço. Entretanto, passando umas horas o meu tio chega lá a casa, eu contei-lhe a situação e ele começasse a rir, eu gritei, gritei imenso até os vizinhos ouvirem porque eu tinha as janelas abertas, ouve uma vizinha que foi lá a casa, a minha avó explicou a situação só que não disse que me queimava as roupas, então a vizinha disse que era bem-feita eu ter levado um tatião. Sim, foi esta a história” (p. 7).*

No que se refere à subcategoria *controlo*, foram analisadas 3 unidades de significado, que descreve 8.34% de unidades de significado dentro desta categoria. Esta

subcategoria significa referências do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares nas quais o comportamento do jovem origina práticas parentais de culpabilização, retirada de privilégios, castigos e controlo direto do comportamento através de padrões de conduta absolutos. Este tema demonstrado em exemplos como o seguinte sobre as amizades passadas da participante:

Entrevistador: Então olha se te sentires à vontade, queria que tu me desses mais exemplos do que é que ela faz, quando tu queres sair à noite, pronto já me contaste uma situação, outra mais específica se puderes?

Leonor: *“Por exemplo eu tento-me, arranjo-me e isso tudo, faço tudo direitinho e ela fica a olhar para mim, faz um interrogatório completo e eu só digo olha vou sair, venho a esta hora, fica descansada, é a única coisa que eu acho que tenho de dizer pra ela ficar mais descansada, mas mesmo que eu saia ela liga logo para o meu tio, para esse meu tio mais novo porque ele é como fosse tipo meu pai, foi ele que me criou quando a minha avó estava a trabalhar, então ele liga-me olha tens de estar a x horas em casa, se não a tua avó vai-te fechar a porta e não entras mais e não vens para aqui também e eu fiquei ok, está bem e chegava sempre antes da hora”* (p. 4).

A mesma subcategoria emergiu em exemplos como o seguinte sobre o passado do percurso escolar da participante:

Entrevistador: Então e por exemplo em termos da escola, a tua avó por exemplo, acompanhava-te na escola, se ia às reuniões da escola, se te ajudava a estudar, a fazer os trabalhos de casa?

Leonor: *“A minha avó sempre me acompanhou em tudo, menos nos trabalhos da escola porque ela nem a quarta classe ainda tinha, então não me conseguia ajudar”* (p. 2).

No que diz respeito à subcategoria *restrição da autonomia*, foram analisadas 3 unidades de significado, que significa 8.34% de unidades de significado dentro desta categoria. Esta subcategoria compreende referências do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares que têm como propósito o seu isolamento e evitamento social, por proibição e controlo da sua socialização, por parte dos pais. Este tema referenciado em exemplos como o seguinte sobre as amizades no passado da participante:

Entrevistador: Ok e como é que a tua avó lidava com as tuas amizades, ela conhecia?

Leonor: *“A minha avó conhecia toda a gente porque era gente aqui da Moita, mas ela não gostava que eu saísse de casa, prendia-me muito em casa, porque eu era sempre uma menina sossegada, eu não saía de ao pé dela, era uma menina muito reservada e a partir do momento que eu comecei a sair e isso, houve mais conflitos”* (p. 3).

E também, referenciado noutros exemplos como o seguinte sobre as amizades no passado da participante:

Entrevistador: Então e agora pergunto-te relativamente a isso, se a tua avó te impunha algum horário para chegares a casa ou alguma regra por exemplo, não te deixava sair ou se chegasses tarde poderia pôr-te de castigo ou chatear-se contigo?

Leonor: *“Ainda hoje faz isso porque houve uma vez que eu fugi de casa, é mesmo pra dizer assim, eu cometi o erro, assumi o erro e isso tudo direitinho, a minha avó nunca me deu horários para chegar a casa porque me proibia sair de casa, tive que falar com o meu tio mais novo, para ver se conseguia amolecer a minha avó para me deixar sair porque ela só ouve os filhos e então meia-noite em casa, agora é às onze se sair tenho que estar às onze em casa, se não ela mete-me a chave na porta e eu não consigo entrar, então a minha vida é assim”* (p. 3 e 4).

Em suma, o acordo intercodificadores revelou um valor aceitável de $k = .76$.

CAPÍTULO 5

Discussão

O presente estudo foi implementado com o propósito de compreender como se caracterizam os estilos parentais na perspectiva de jovens NEEF e a respetiva relevância percebida das suas experiências, a este nível, nas trajetórias de vida. Este objetivo foi levado à prática através de uma abordagem qualitativa, considerando, também, a literatura escassa sobre a relevância da família, nomeadamente das figuras parentais, na trajetória dos jovens NEEF. De forma mais concreta, o estudo destinou-se a caracterizar os estilos parentais de pais de jovens NEEF, na perspectiva dos jovens; perceber as experiências relevantes para os jovens NEEF na construção das suas perceções sobre os estilos parentais dos seus pais; e compreender o estilo parental mais percecionado pelos jovens NEEF, de acordo com o descrito na literatura.

O estilo parental mais evidenciado pelos jovens NEEF nas entrevistas, relativamente às suas figuras parentais, foi o denominado estilo parental permissivo indulgente. Um fator usualmente associado a este estilo parental é o estatuto socioeconómico baixo dos cuidadores. Os jovens referiram que este fator foi relevante na forma de agir dos seus pais em aspetos ou episódios como o abandono do seu percurso escolar. Isto associa-se à falta de recursos materiais e alimentares, levando os cuidadores, segundo os jovens, a aceitar precocemente o percurso profissional dos filhos como uma forma de auxiliar nas despesas familiares. A literatura explica que permanecer com estatuto NEEF está, de facto, associado a um estatuto socioeconómico baixo dos pais marcado, frequentemente, por estilos parentais permissivos (Querido et al., 2002). Nestes casos, os jovens muitas vezes são movidos por fatores financeiros, afirmando que deixaram a escola para ganhar mais dinheiro e por achar que não podiam pagar a continuação dos seus estudos (Duckworth & Schoon, 2012). Noutro estudo (Rennison et al., 2005), os pais de jovens NEEF, quando possuíam poucos rendimentos e estavam desempregados consideravam que os filhos deviam ajudar na contribuição das despesas familiares.

No entanto, foram feitas várias referências pelos jovens NEEF a decisões pessoais, escolares e profissionais contrárias às dos seus pais, determinadas pelos seus próprios desejos e ambições de melhorar o respetivo estatuto social. Este resultado, poderá ser

congruente com a entrada precoce no mercado de trabalho marcada pela falta de experiência profissional, levando a admitir qualquer tipo de emprego. Ademais, estes jovens encontram-se particularmente vulneráveis quando decidem sair da escola precocemente e entrar no mercado de trabalho, pois deparam-se muitas vezes a competir com pessoas com maior experiência, sujeitos a serem os primeiros a sair e os últimos a entrar no mercado de trabalho (Eurostat, 2019).

Também, a literatura refere que o nível de educação atingido pelos jovens NEEF tem bastante influência no mercado de trabalho. Conforme os resultados mostram, os participantes demonstraram ter níveis escolares inferiores ao ensino superior, sendo que a literatura mostra que jovens com baixos níveis de qualificações académicas estão três vezes mais em risco de se tornar NEEF do que os jovens que têm o Ensino Superior (Eurofound, 2012). Este resultado, pode ser explicado pelo facto de os cuidadores possuírem um baixo estatuto socioeconómico académico não tendo condições para pagar a continuação dos seus estudos e recursos matérias escolares, na medida em que a literatura explica que filhos de famílias com estatutos socioeconómicos elevados adquirem níveis mais elevados na educação (Parker et al., 2012) e garantem profissões com rendimentos elevados na vida adulta (Macmillan et al., 2015). No entanto, poderá entender-se este resultado, também, como a falta de envolvimento dos pais e o seu desligamento em relação ao percurso escolar dos seus filhos, acabando por permitir que os jovens abandonem precocemente os estudos sem sequer atingir o nível secundário (Rennison et al., 2005).

Outro resultado suportado pela literatura refere-se aos exemplos descritos pelos jovens referentes à ausência de controlo, limites e padrões comportamentais, face às suas rotinas passadas, nas quais os cuidadores não definiam limites sobre a forma como o jovem se deveria comportar, aceitando, com frequência os seus impulsos e ações. Quanto a esta circunstância, foi observado nesta categoria que os participantes cresceram em bairros sociais, expostos à violência e instabilidade residencial, o que pode ajudar a explicar uma maior ausência de limites parentais, assim como maior exposição a comportamentos delinquentes e agressivos relatados nas entrevistas. O desemprego dos pais prediz negativamente o bem-estar económico dos filhos (Schoon, 2007) e mostra estar relacionado com níveis mais baixos de recursos materiais dos pais, respeitantes ao local de residência, como crescer em habitações marcadas pela pobreza e benefícios fornecidos pelo estado (Duckworth & Schoon, 2012). A literatura demonstra que pais permissivos indulgentes proporcionam liberdade ao jovem sob a forma como

se deve comportar, demonstram pouca expectativa face a comportamentos de responsabilidade e fornecem independência ao jovem na tomada das suas próprias decisões (Pinheiro & Duarte, 2019), o que pode levar a uma diminuição das suas responsabilidades e da capacidade de autocontrolo dos jovens (Cui et al., 2018).

Paralelamente, nesta categoria do estilo parental permissivo indulgente, a relação com os cuidadores foi descrita pelos participantes por comportamentos de afeto, envolvimento e de resposta às suas necessidades e desejos, o que poderá estar associada com o facto de alguns participantes ainda viverem com os pais na idade adulta. Outros, porém, tinham sido abandonados pelos progenitores e alguns tinham falecido, ficando ao cuidado de avós que certamente protagonizaram o papel de figura de referência com valor protetor, nas suas vidas. Estes fatores podem ajudar a explicar a indulgência parental através de uma maximização de comportamentos parentais protetores face às consequências dos comportamentos dos filhos, com o propósito prioritário de satisfazer-lhes necessidades e desejos (Cui et al., 2016). Esta espécie de compensação face à adversidade vivenciada pelos participantes e demonstrada através dos comportamentos de afeto relatados pelos participantes, pode ser benéfica e vantajosa para o funcionamento do seu bem-estar. No entanto, esta proteção dos cuidadores sem definição de limites pode levar a que os jovens não desenvolvam corretamente as suas competências de autonomia e autorregulação futuramente (Rehm et al., 2016), acabando por surgir problemas na entrada da idade adulta, num momento em que estes assumem a sua vida de independência e experienciam desafios particulares (Segrin et al., 2012) e em que as suas capacidades de autorregulação são especialmente determinantes nas suas competências de socialização e no seu bem-estar psicológico, nomeadamente na entrada no mercado de trabalho (Arnett & Taber, 1994).

A categoria do estilo parental autoritário foi a que menos se evidenciou no estudo. Nesta categoria foram observados mais exemplos quando os temas eram relativos a situações relacionais, escolares e familiares em que os cuidadores dos jovens desvalorizam os seus sentimentos e preocupações, acreditando que este deve obedecer e aceitar aquilo que os seus cuidadores acham ser o correto para si, não demonstrando qualquer tipo de apoio ou interesse em ajudar. Isto leva a situações em que os participantes relatam que resolveram os seus problemas sozinhos ou procuraram ajuda por parte de outras pessoas não-familiares. No entanto, será de realçar que o apoio parental demonstra proteger contra o estatuto de jovem NEEF (Alfieri et al., 2015). Esta falta de apoio, observada no relato dos participantes em que emergiram padrões

parentais pautados por obediência absoluta, é coerente com a literatura sendo este um estilo parental, caracterizado por níveis reduzidos de apoio e envolvimento parental. Contudo, estilos parentais com uma disciplina rígida têm sido relacionados com comportamentos anti-sociais dos filhos e estão associados a um estilo autoritário (Russell et al., 2003), como se pode observar em referências dos participantes a situações relacionais que resultam em isolamento e evitamento social, marcados por proibição e controlo da sua socialização, por parte das figuras parentais. Isto pode ter impacto a médio e longo prazo especificamente para jovens que se encontram na condição NEEF, porque uma disciplina excessivamente firme, inconstante, com um escasso ou nulo reforço positivo, propícia a perdurar ou a aumentar comportamentos que danificam a socialização dos jovens (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002), nomeadamente ao nível de uma reduzida intolerância à frustração, desmotivação para enfrentar as dificuldades na sua vida e sociabilizar assertivamente (Poeiras, 2015). Existe a possibilidade de ambientes parentais que não sejam incentivadores, envolventes ou apoiantes, provoquem incertezas nos jovens relativamente às suas aptidões e, deste modo, incitando-os a utilizar estratégias de evitamento de funções e a atribuir causas negativamente (Aunola, Stattin & Nurmi, 2000). Pais que restringem a autonomia dos filhos, leva a que os jovens se sintam indecisos ou antecipem as suas escolhas profissionais, em virtude da dependência que possuem na tomada de decisão ou opinião dos pais (Frischenbruder, 1999). Dependere sucessivamente dos pais para resolver os problemas, complica o desenvolvimento da sua autonomia e identidade, delimitando as suas capacidades de resolução de problemas autonomamente. A falta de autoconfiança e autoestima presentes neste estilo parental, caracterizada pela falta de autonomia na exploração ativa para a resolução dos seus problemas autonomamente, faz com que os jovens não criem estratégias de resiliência para lidar com as adversidades da sua vida e com que os jovens não sejam capazes de realizar as suas tarefas de forma independente. Por outro lado, pais autoritários tendem a não admitir incertezas ou indecisões nas suas escolhas, obrigando o jovem a tomar uma decisão, a criticar ou depreciar as suas decisões (Hutz & Bardagir, 2006). Assim, poderá ser explicativo pelo facto dos jovens NEEF apresentarem um perfil psicológico negativo marcado, por exemplo, pela falta de confiança, no sentido de não acreditarem nas competências que possuem para trabalhar, acreditando que não dominam capacidades eficazes para o trabalho, sentindo-se inferiores (Yuji, 2007, como citado em Alcoforado et al., 2018), resultando numa baixa

autoestima no desenvolvimento da sua identidade profissional (Helbling & Sacchi, 2014).

Os estudos referem que o estilo parental autoritativo é considerado o estilo que melhor promove um desenvolvimento normativo na adolescência e na idade adulta (Baumrind, 1971, 1978; Kaufmann et al., 2000; Klein & Ballantine, 2001; Lamborn et al., 1991), incluindo em contextos de alto risco como aqueles que são enfrentados por jovens NEEF (Dwairy, 2008). Este estilo parental foi evidenciado pelos jovens NEEF, nos exemplos dados nas entrevistas, sobre as suas experiências nos seus estilos parentais. Os participantes que descreveram exemplos enquadráveis nesta categoria referiram nas entrevistas que eram imigrantes, encontravam-se longe dos seus pais e estavam a tomar conta dos filhos ou familiares, no momento atual. Por um lado, estilos parentais mais positivos podem levar a que, conseqüentemente, os próprios jovens se predisponham mais para as funções internas de cuidado, uma vez que estes estilos potenciam, também com os seus filhos, relações afetivas e de maior envolvimento. Por outro lado, assumindo os jovens NEEF, como adultos, a posição de cuidadores, tomando conta de filhos e familiares, poderão estar mais propensos a perceberem a relação com os seus pais de um modo positivo.

A literatura mostra que o suporte parental autoritativo é um fator de proteção predominante para jovens mais vulneráveis. Conforme Pemberton (2008) no seu estudo refere, quanto mais os jovens são apoiados a construir a sua própria identidade de forma livre, mais estes desenvolvem estratégias de resiliência e procuram recursos que podem auxiliar a não incorrerem na condição NEEF. Ao nível do percurso escolar, os participantes que mais referiram exemplos associados a este estilo parental também evidenciaram um maior envolvimento dos cuidadores na sua educação, comparativamente a outros participantes. Estudos prévios comprovam que práticas parentais autoritativas, como o afeto, o envolvimento, o diálogo e discussão estão associados a melhor competência escolar e a melhores resultados escolares dos jovens adultos (Juang & Silbereisen, 2002), além de impulsionarem a sua independência, originando uma maior procura ativa de experiência profissional (Nyarko, 2011). Em contrapartida, os estudos indicam que jovens de famílias com estatutos económicos altos manifestam um estilo autoritativo (Querido et al., 2002), circunstância esta que não foi observada nos resultados desta categoria, dado que os jovens imigraram para uma obtenção de uma melhor qualidade de vida e depararam-se com dificuldades ao nível da empregabilidade. Contudo, os participantes afirmaram a razão pela qual não

estavam a trabalhar, a estudar ou em formação era devido às suas responsabilidades parentais, fatores estes, que poderão explicar a sua permanência neste estatuto de jovem NEEF.

5.1. Implicações

Dada a escassa literatura em inglês e português sobre a relevância da família na trajetória dos jovens NEEF, este estudo contribui para a investigação, neste campo. Dado que, se verificou que os pais têm um contributo fundamental para que os filhos se deparem nesta condição de jovem NEEF, é necessário que seja continuada esta investigação noutras dissertações futuras e artigos científicos.

Ao nível dos resultados, o estudo informa intervenções e projetos para que seja dada uma maior importância ao papel da família no percurso desenvolvimental destes jovens, para que se compreendam quais os fatores interpessoais e contextuais que poderão ter tido concorrido para a entrada na categoria NEEF.

Ademais, projetos ou programas que trabalham com jovens NEEF focam-se sobretudo em intervenções destinadas a suprir as suas necessidades imediatas e tendem a não olhar para outros fatores desenvolvimentais importantes para esta condição, o que muitas vezes pode comprometer uma intervenção eficaz com estes jovens. Assim, os programas devem realizar intervenções focadas como por exemplo, na “The Life Course Theory” (teoria do curso de vida), a qual enfatiza que para além da origem social dos indivíduos, os jovens passam por obstáculos e oportunidades distintas na constituição dos seus próprios caminhos de vida, incluindo condições familiares/parentais (Bynner & Parsons, 2002). Uma vez observada a predominância do estilo permissivo indulgente nestes jovens, associada a um estatuto socioeconómico baixo dos pais, fatores estes que são preditores descritos na literatura que levam à condição dos jovens se tornarem NEEF, é importante que projetos como os CLDS dêem importância aos vários fatores desenvolvimentais no percurso dos indivíduos, organizando parcerias com associações que auxiliem estes jovens a estes níveis, para que exista um trabalho continuado quando o programa terminar. Do ponto de vista preventivo, é clara a pertinência de implementar programas de educação parental que promovam o envolvimento parental ao nível da educação dos filhos, principalmente no desenvolvimento de competências parentais que auxiliem os pais a ajustar práticas parentais adequadas ao desenvolvimento do jovem, também estimular mudanças de comportamento dos pais em virtude do conhecimento

de apoios sociais e programas como auxílio na gestão dos seus recursos financeiros e incentivo na procura ativa de emprego. Ademais, e não menos importante, apoiar os pais na aquisição de competências de resiliência para lidar com situações específicas familiares.

5.2. Limitações

Este estudo tem limitações. Primeiro, é evidente que o estudo tem um número reduzido de participantes. A razão que explica esta lacuna foi facto de o estudo ter sido realizado em pleno contexto pandémico de Covid-19, não tendo sido possível implementar alguns critérios inicialmente propostos, entre os quais um maior número de participantes, bem como uma distribuição equilibrada ao nível do género dos participantes. Segundo, os participantes são, sobretudo, mulheres. A literatura explica, no entanto, que o fenómeno NEEF afeta mais as mulheres, tendo sido observado este fenómeno no terreno, dado que os participantes dos projetos que colaboraram com o estudo eram, maioritariamente, do sexo feminino. Assim, em certa medida, a adesão ao estudo reflete a realidade, embora o aprofundamento das questões científicas requeira maior participação de homens. Terceiro, os participantes podem ter ocultado informações relevantes para o estudo, devido à falta de confiança em expor experiências marcantes por si vivenciadas nos seus estilos parentais com uma figura que lhes é “estranha”.

5.3. Conclusão

Em suma, de acordo com os resultados, é visível uma maior preponderância do estilo parental permissivo indulgente nos jovens NEEF, que engloba uma elevada resposta às necessidades e interesses dos filhos e a uma baixa exigência ao nível do controlo e sobre a forma como os filhos se devem comportar. A falta de exigência parental dos cuidadores, relatadas pelos jovens nas entrevistas pode levar a um menor desenvolvimento de competências de autonomia e autorregulação dos filhos, principalmente na fase da idade adulta jovem, levando a escolhas futuras ineficazes, que podem explicar a sua permanência na condição de jovem NEEF. Por outro lado, a elevada responsividade descrita pelos jovens neste estilo, pode beneficiar estes jovens como um suporte na diminuição das adversidades e vulnerabilidade da sua vida. Em contrapartida, os pais autoritativos tendem a ser exigentes e responsivos, sendo o suporte parental e autonomia os principais preditores deste estilo referidos pelos jovens

nas entrevistas. Enquanto, que um estilo permissivo indulgente propicia liberdade ao jovem sob a forma como se deve comportar, um estilo parental autoritativo apoia os filhos a construírem a sua própria identidade de forma livre, permitindo que estes desenvolvem estratégias de resiliência e procurem recursos que podem auxiliar a não incorrerem na condição NEEF. Contrariamente, um estilo parental autoritário é deveras exigente e pouco responsivo, condicionando a autonomia e liberdade do jovem, explicado pelos jovens nas entrevistas. Assim, o estilo parental autoritativo é considerado aquele que melhor promove o desenvolvimento dos jovens, levando a uma menor probabilidade de estes caírem no estatuto de jovens NEEF. Porém, as adversidades vivenciadas por estes jovens podem comprometer o seu estatuto de jovem NEEF, mesmo quando é observado um estilo parental positivo.

Referências Bibliográficas

- Alcoforado, L., Frias, M., Cordeiro, A. R., Fonseca, A. C., & Oliveira, M. (2018). Educação e (não) trabalho: Indagações sobre uma relação sempre controversa, a propósito dos jovens que não estudam nem trabalham. *Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*, 13(34), 38–58. <http://doi.org/10.35168/2175-2613>
- Alfieri, S., Sironi, E., Marta, E., Rosina, A., & Marzana, D. (2015). Young Italian NEETs (not in employment, education, or training) and the influence of their family background. *Europe's Journal of Psychology*, 11(2), 311–322. <http://doi.org/10.5964/ejop.v11i2.901>
- Arnett, J. J., & Taber, S. (1994). Adolescence terminable and interminable: When does adolescence end?. *Journal of Youth and Adolescence*, 23(5), 517–537. <https://doi.org/10.1007/bf01537734>
- Aunola, K., Stattin, H., & Nurmi, J.-E. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23(2), 205–222. <https://doi.org/10.1006/jado.2000.0308>
- Ayorech, Z., Plomin, R. & Stumm, von S. (2018). Using DNA to predict educational trajectories in early adulthood. *Developmental Psychology*, 55(5), 1088–1095. <http://dx.doi.org/10.1037/dev0000682>
- Backman, O., & Nilsson, A. (2011). Pathways to social exclusion: A life-course study. *European Sociological Review*, 27(1), 107–123. <https://doi.org/10.1093/esr/jcp064>
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56–95. <https://doi.org/10.1177/02724316911111004>
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth & Society*, 9(3), 239–267. <https://doi.org/10.1177/0044118X7800900302>
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1), 1–103. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43–88.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887–907. <https://doi.org/10.2307/1126611>
- Benjet, C., Hernández-Montoya, D., Borges, G., Méndez, E., Medina-Mora, M. E., & Aguilar-Gaxiola, S. (2012). Youth who neither study nor work: Mental health, education and employment. *Salud Pública de México*, 54(4), 410–417. <https://doi.org/10.1590/s0036-36342012000400011>
- Bjorkenstam, E., Burström, B., Vinnerljung, B., & Kosidou, K. (2016). Childhood adversity and psychiatric disorder in young adulthood: An analysis of 107,704 Swedes. *Journal of Psychiatric Research*, 77(1), 67–75. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2016.02.018>
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 227–235. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200004>
- Bynner, J., & Parsons, S. (2002). Social exclusion and the transition from school to work: The case of young people not in education, employment, or training (NEET). *Journal of Vocational Behavior*, 60(2), 289–309. <http://dx.doi.org/10.1006/jvbe.2001.1868>

- Coles, B., Hutton, S., Bradshaw, J., Craig, G., Godfrey, C. and Johnson, J. (2002). *Literature review of the costs of being “Not in Education, Employment or Training” at age 16-18* (Report No. RR347). Centre for Research in Social Policy, Department of Education and Skills. <https://www.york.ac.uk/inst/spru/pubs/pdf/RR347.pdf>
- Coutinho, C. P. (2008). A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: Questões relativas à fidelidade e validade. *Educação Unisinos*, 12(1), 5–15.
- Cui, M., Darling, C. A., Lucier-Greer, M., Fincham, F. D., & May, R. W. (2018). Parental indulgence: Profiles and effects on young adults’ emotional and behavioral problems. *Journal of Child and Family Studies*, 27(1), 2456–2466. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1076-6>
- Cui, M., Graber, J., Metz, A., & Darling, C. (2016). Parental indulgence, self-regulation, and young adults’ behavioral and emotional problems. *Journal of Family Studies*, 25(3), 1–17. <https://doi.org/10.1080/13229400.2016.1237884>
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487–496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Dwairy, M. A. (2008). Parental inconsistency versus parental authoritarianism: Associations with symptoms of psychological disorders. *Journal of Youth and Adolescence*, 37(5), 616–626. <https://doi.org/10.1007/s10964-007-9169-3>
- Duckworth, K., & Schoon, I. (2012). Beating the odds: exploring the impact of social risk on young people's school-to-work transitions during recession in the UK. *National Institute Economic Review*, 222(1), 38-51. <https://doi.org/10.1177/002795011222200104>
- Eurofound. (2012). *NEETs. Young people not in employment, training or education: Characteristics, costs and policy responses in Europe*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. <https://www.eurofound.europa.eu/pt/publications/report/2012/labour-market-social-policies/neets-young-people-not-in-employment-education-or-training-characteristics-costs-and-policy>
- Eurostat. (2019). Statistics on young people neither in employment, nor education or training. https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Statistics_on_young_people_neither_in_employment_nor_in_education_or_training
- Eurostat. (2020). Statistics on young people neither in employment, nor education or training. https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Statistics_on_young_people_neither_in_employment_nor_in_education_or_training#Young_people_neither_in_employment_nor_in_education_or_training
- Frischenbruder, S. L. (1999). O desenvolvimento vocacional na adolescência: Autoconceito e comportamento exploratório [Dissertação de mestrado não publicada]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Helbling, L. A., & Sacchi, S. (2014). Scarring effects of early unemployment among young workers with vocational credentials in Switzerland. *Empirical Research in Vocational Education and Training*, 6(1), 1–22. <https://doi.org/10.1186/s40461-014-0012-2>
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3(XXIV), 363–72.
- Hutz, C. S., & Bardagir, M. P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: A influência dos estilos parentais. *Psico-USF*, 11(1), 65–73. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712006000100008>

- Juang, L. P., & Silbereisen, R. K. (2002). The relationship between adolescent academic capability beliefs, parenting and school grades. *Journal of Adolescence*, 25(1), 3–18. <https://doi.org/10.1006/jado.2001.0445>
- Kaufmann, D., Gesten, E., Santa Lucia, R. C., Salcedo, O., Rendina-Gobioff, G., & Gadd, R. (2000). The relationship between parenting style and children's adjustment: The parents' perspective. *Journal of Child and Family Studies*, 9(2), 231–245. <https://doi.org/10.1023/A:1009475122883>
- Klein, H. A., & Ballantine, J. (2001). Raising Competent Kids: The Authoritative Parenting Style. *Childhood Education*, 78(1), 46–47. <https://doi.org/10.1080/00094056.2001.10521689>
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62(1), 1049–1065. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x>
- Lavric, M., & Naterer, A. (2020). The power of authoritative parenting: A cross-national study of effects of exposure to different parenting styles on life satisfaction. *Children and Youth Services Review*, 116(1), 105274–105282. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2020.105274>
- Leppel, K., Williams, M. L., & Waldauer, C. (2001). The impact of parental occupation and socioeconomic status on choice of college major. *Journal of Family and Economic Issues*, 22(4), 373–394. <https://doi.org/10.1023/A:1012716828901>
- Leung, C. Y. W., McBride-Chang, C., & Lai, B. P. Y. (2004). Relations among maternal parenting style, academic competence, and life satisfaction in Chinese early adolescents. *Journal of Early Adolescence*, 24(2), 113–143. <https://doi.org/10.1177/0272431603262678>
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development*. New York: Wiley.
- Maccoby, E. E. (1992). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. *Developmental Psychology*, 28(6), 1006–1017. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.6.1006>
- Macmillan, L., Tyler, C., & Vignoles, A. (2015). Who gets the top jobs? The role of family background and networks in recent graduates' access to high-status professions. *Journal of Social Policy*, 44(3), 487–515. <https://doi.org/10.1017/S0047279414000634>
- McGirr, M. (2019). *Not just about NEETs: A rapid review of evidence on what works for youth at risk of limited employment*. Ministry of Education. <https://www.educationcounts.govt.nz/publications/80898/not-just-about-neets>
- Miguel, I., Valentim, J. P., & Carugati, F. (2009). Questionário de estilos e dimensões parentais - versão reduzida: Adaptação portuguesa do parenting styles and dimensions questionnaire – short form. *Psychologica*, 51, 169–188. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_51_11
- Mota, C. P., & Pinheiro, M. (2018). Estilos parentais, bullying e o papel mediador da sintomatologia psicopatológica em adolescentes e jovens adultos. *Psicologia*, 32(2), 41–55. <http://dx.doi.org/10.17575/rpsicol.v32i2.1345>
- Nyarko, K. (2011). The influence of authoritative parenting style on adolescents' academic achievement. *American Journal of Social and Management Sciences*, 2(3), 278–282. <https://doi.org/10.5251/ajsms.2011.2.3.278.282>
- O'Dea, B., Glozier, N., Purcell, R., McGorry, P. D., Scott, J., Feilds, K-L., Hermens, D. F., Buchanan, J., Scott, E. M., Yung, A. R., Killackey, E., Guastella, A. J., & Hickie, I. B. (2014). A cross-sectional exploration of the clinical characteristics of

- disengaged (NEET) young people in primary mental healthcare. *BMJ Open*, 4(12), 1–8. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2014-006378>
- O'Reilly, J., Eichhorst, W., Gábos, A., Hadjivassiliou, K., Lain, D., Leschke, J., McGuinness, S., Kureková, L. M., Nazio, T., Ortlieb, R., Russell, H., & Villa, P. (2015). Five characteristics of youth unemployment in Europe: Flexibility, education, migration, family legacies, and EU policy. *Sage Open*, 5(1), 1–19. <https://doi.org/10.1177/2158244015574962>
- Organización Internacional del Trabajo. (2020). Tendencias mundiales del empleo juvenil 2020: La tecnología y el futuro de los empleos. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_709476.pdf
- Parker, P. D., Schoon, I., Tsai, Y.-M., Nagy, G., Trautwein, U., & Eccles, J. S. (2012). Achievement, agency, gender, and socioeconomic background as predictors of postschool choices: A multicontext study. *Developmental Psychology*, 48(6), 1629–1642. <https://doi.org/10.1037/a0029167>
- Pemberton, S. (2008). Tackling the NEET generation and the ability of policy to generate a 'NEET' solution: Evidence from the UK. *Environment and Planning C: Government and Policy*, 26(1), 243–259. <https://dx.doi.org/10.1068/c0654>
- Pinheiro, M. C., & Ferreira, S. D. (2019). Estilos parentais, competências sociais e o papel mediador da personalidade em adolescentes e jovens adultos. *Análise Psicológica*, 37(3), 269–284. <https://doi.org/10.14417/ap.1548>
- Pitkanen, J., Remes, H., Moustgaard, H., & Martikainen, P. (2019). Parental socioeconomic resources and adverse childhood experiences as predictors of not in education, employment, or training: A Finnish register-based longitudinal study. *Journal of Youth Studies*, 22(6261), 1–18. <https://doi.org/10.1080/13676261.2019.1679745>
- Poeyras, S. I. G. (2015). Adolescentes em risco: Práticas e Percepções [Dissertação de mestrado, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa]. TESE DEFINITIVA 2015.pdf. <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/8629/1/TESE%20DEFINITIVA%202015.pdf>
- Querido, J. G., Warner, T. D., & Eyberg, S. M. (2002). Parenting styles and child behavior in African American families of preschool children. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 31(2), 272–277. https://doi.org/10.1207/S15374424JCCP3102_12
- Quintano, C., Mazzocchi, P., & Rocca, A. (2018). The determinants of Italian NEETs and the effects of the economic crisis. *Genus*, 74(1), 1–24. <https://doi.org/10.1186/s41118-018-0031-0>
- Rehm, M., Darling, C., Coccia, C., & Cui, M. (2016). Parents' perspectives on indulgence: Remembered experiences and meanings when they were adolescents and as current parents of adolescents. *Journal of Family Studies*, 23, 278–295. <https://doi.org/10.1080/13229400.2015.1106335>
- Rennison, J., Maguire, S., Middleton, S., & Ashworth, K. (2005). *Young people not in education, employment or training: Evidence from the education maintenance allowance pilots database* (Report No. RR628). Centre for Research in Social Policy, Department of Education and Skills. <https://hdl.handle.net/2134/2460>
- Russell, A., Hart, C., Robinson, C., & Olsen, S. (2003). Children's sociable and aggressive behaviour with peers: A comparison of the US and Australia, and contributions of temperament and parenting styles. *International Journal of*

- Behavioral Development*, 27(1), 74–86.
<https://doi.org/10.1080/01650250244000038>
- Schoon, I. (2014). Parental worklessness and the experience of NEET among their offspring. Evidence from the longitudinal study of young people in England (LSYPE). *Longitudinal and Life Course Studies*, 6(1), 129–150. <https://doi.org/129-150.10.14301/lcs.v5i2.279>
- Schoon, I., Barnes, M., Parsons, S., Brown, V., Ross, A., & Vignoles, A. (2012). *Intergenerational transmission of worklessness: Evidence from the millennium cohort and the longitudinal study of young people in England* (Report No. RR234). Department for Education. https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/183328/DFE-RR234.pdf.
- Schoon, I. (2007). Adaptations to changing times: Agency in context. *International Journal of Psychology*, 42(2), 94–101. <https://doi.org/10.1080/00207590600991252>
- Schoon, I., Martin, P., & Ross, A. (2007). Career transitions in times of social change. His and her story. *Journal of Vocational Behavior*, 70(1), 78–96. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvb.2006.04.009>
- Schoon, I. (2006). Risk and resilience: Definitions. Em Cambridge (Ed.), Risk and resilience: Adaptations in changing times (6–23). <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511490132>
- Segrin, C., Wozidlo, A., Givertz, M., Bauer, A., & Murphy, M. T. (2012). The association between overparenting, parent-child communication, and entitlement and adaptive traits in adult children. *Family Relations Interdisciplinary Journal of Applied Family Science*, 61(2), 237–252. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2011.00689.x>
- Simões, F., Meneses, A., Luís, R., & Drumonde, R. (2017). NEETs in a rural region of Southern Europe: Perceived self-efficacy, perceived barriers, educational expectations, and vocational expectations. *Journal of Youth Studies*, 20(9), 1109–1126. <https://doi.org/10.1080/13676261.2017.1311403>
- Social Exclusion Unit. (1999). Bridging the gap: New opportunities for 16-18 year olds not in education, employment or training, presented to Parliament by the Prime Minister. <http://dera.ioe.ac.uk/id/eprint/15119>
- Steinberg, L., Blatt-Eisengart, I., & Cauffman, E. (2006). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful homes: A replication in a sample of serious juvenile offenders. *Journal of Research on Adolescence*, 16(1), 47–58. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2006.00119.x>
- Tomczyk, L., Vanek, B., Pavlov, I., Karikova, S., Biresova, B., & Kryston, M. (2018). Critical thinking, problem-solving strategies and individual development assessment among NEETs: Research conducted in Slovakia, Poland and Estonia. *International Journal of Lifelong Education*, 37(6), 701–718. <https://doi.org/10.1080/02601370.2018.1550446>
- Tomczyk, L., & Vanek, B. (2017). Adults literacies as benefit for inclusion and equity reports on young adults being NEETs: Estonia, Iceland, Poland and Slovakia. Cracow: Department of Social Pedagogy and Andragogy Pedagogical University of Cracow.
- Vancea, M., & Utzet, M. (2018). School-to-work transition: The case of Spanish NEETs. *Journal of Youth Studies*, 21(7), 869–887. <https://dx.doi.org/10.1080/13676261.2017.1421313>

- Wengraf, T. (2001). *Qualitative research interviewing: Biographic narrative and semistructured methods*. London: Sage Publications.
- Williams, L. R., Degnan, K. A., Perez-Edgar, K. E., Henderson, H. A., Rubin, K. H., Pine, D. S., Steinberg, L., & Fox, N. A. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *Journal Abnormal Child Psychology*, *37*(1), 1063–1075. <https://doi.org/10.1007/s10802-009-9331-3>.
- Wolfradt, U., Hempel, S., & Miles, J. N. (2003). Perceived parenting styles, depersonalisation, anxiety and coping behaviour in adolescents. *Personality and Individual Differences*, *34*(3), 521–532. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00092-2](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00092-2)
- Yates, S., Harris, A., Sabates, R., & Staff, J. (2011). Early occupational aspirations and fractured transitions: A study of entry into ‘NEET’ status in the UK. *Journal of Social Policy*, *40*(3), 513–534. <https://doi.org/10.1017/S0047279410000656>
- Yates, S., Payne, M. (2006). Not so NEET? A critique of the use of ‘NEET’ in setting targets for interventions with young people. *Journal of Youth Studies*, *9*(3), 329–344. <https://doi.org/10.1080/13676260600805671>

Anexos

Anexo A - Guião da Entrevista

Introdução

Boa tarde,

O meu nome é Joana, sou estudante de mestrado e gostaria de lhe perguntar primeiro como se chama?

Tem algum assunto que gostasse de falar um pouco antes de começarmos?

Como sabe, vamos realizar uma entrevista, a qual passará apenas por uma simples conversa em que lhe faço algumas perguntas e você responde ao que achar ser confortável para si naquele momento. Parece-lhe bem?

Já alguma vez passou por alguma experiência parecida como esta?

O que é que achou?

Os assuntos que iremos falar na entrevista têm a ver com as suas experiências familiares, nomeadamente com os seus pais, em diferentes momentos da sua vida.

Peço-lhe que se sinta à vontade para falar comigo sobre o que quiser.

Tem alguma dúvida que queira esclarecer antes de começarmos?

A. Relato de memórias sobre práticas parentais por parte dos jovens NEEF.

1. Gostaria que me falasse um pouco sobre o seu percurso escolar.

- Explique-me de que modo os seus pais acompanhavam o seu percurso escolar.

Pode dar-me exemplos do que eles faziam? (exemplos: idas às escolas; contacto com os diretores de turma; ajuda nos TPC ou no estudo; participação em atividades da escola).

Pode contar-me uma situação específica em que os seus pais fizeram isso?

E o seu pai, como é que o acompanhava, o que é que ele fazia? (caso não se fale dele)

- Fale-me de uma decisão importante que tenha tomado em relação à sua educação.

Como é que os seus pais lidaram com a sua decisão?

Pode dar-me exemplos?

- Fale-me um pouco sobre como eram os seus resultados escolares.

Pode dar-me um exemplo de uma situação em que teve um resultado positivo e outra em que teve um resultado menos positivo?

Será que me pode explicar como é que os seus pais lidaram em ambas as situações?

2. Peça-lhe agora que me fale sobre as suas amizades.

- Explique-me como era a relação com os seus amigos na sua infância.

Pode dar-me exemplos do que é costumava de fazer com os seus amigos quando estavam juntos?

Dê-me um exemplo de uma brincadeira que gostava de ter com os seus amigos.

- Pedia-lhe agora que me falasse um pouco sobre como eram as suas relações sociais na adolescência.

Conte-me uma memória, que tem com os seus amigos, que marcou a sua adolescência.

Como é que os seus pais lidavam com as suas amizades?

Durante a sua adolescência, pode contar-me se existia algum horário que tinha de cumprir quando ia ter com os seus amigos?

Que regras tinha de cumprir quando se encontrava com os seus amigos?

Pode dar-me exemplos de situações em que teve de cumprir essas regras?

3. Agora pedia-lhe que me falasse um pouco sobre como eram as rotinas familiares na sua juventude.

- Fale-me um pouco sobre como eram geralmente as suas rotinas diárias durante a semana.

Pode dar-me exemplos de como é que os seus pais organizavam essas rotinas? (exemplos: quem é que o/a acordava e a que horas; o/a ajudava a vestir; preparava-lhe o pequeno almoço; a que horas tomava o pequeno-almoço e almoço; quem é que o/a levava e ia buscar à escola; o que fazia quando chegava a casa; a que horas ia tomar banho, jantar e dormir).

E nas suas rotinas durante o fim-de-semana, poderia dar-me exemplos do que acontecia? (exemplos: a que horas acordava; o que fazia com os seus pais; o que fazia nos seus tempos livres; saídas; com quem brincava; a que horas se deitava).

- Fale-me um pouco sobre os horários que existiam para cumprir nessas rotinas?

Hoje em dia, em que medida pensa que ter essas rotinas foi importante para si?

Será que me pode explicar como costumava ser uma rotina diária com os seus pais?

B. Perspetivas dos jovens NEEF sobre o exercício da parentalidade, no presente, por partes das respetivas figuras cuidadoras.

4. Fale-me um pouco sobre a sua relação atual com os seus pais.

- Diga-me uma situação em que teve de tomar uma decisão importante, em que notou que o apoio dos seus pais demonstrou ser muito importante para si.

Pode dar-me um exemplo do apoio que sentiu na decisão que tomou?

Explique-me de que modo considera que foi importante esse apoio por parte dos seus pais na decisão que tomou?

Será que me pode explicar quem o/a apoiou mais na decisão que tomou?

Por favor, diga-me como é que, em geral, os seus pais lidam consigo quando você tem que tomar decisões importantes para a sua vida.

- Conte-me agora uma situação, na qual você não concordou com a opinião dos seus pais.

Explique-me de que modo os seus pais lidaram nessa situação?

Pode dar-me exemplos?

Por favor diga-me como costumam de lidar com situações em que ambas as partes estão em desacordo?

5. Fale-me um pouco sobre a experiência profissional que tem atualmente.

Explique-me de que modo os seus pais acompanham as suas experiências profissionais.

Pode dar-me exemplos?

Será que me pode explicar que sugestões/conselhos profissionais os seus pais lhe costumam dar?

Explique-me de que modo costuma ter em conta essas sugestões e conselhos dos seus pais?

- Fale-me de uma decisão importante que tinha de tomar em termos profissionais. Como é que os seus pais lidaram com a sua decisão? Pode dar-me exemplos?

Explique-me em que é que a ajuda dos seus pais foi importante na sua decisão?

- Conte-me agora por favor, uma situação em que teve de escolher a sua formação académica?

O que é que os seus pais fizeram que foi importante na sua escolha?

Anexo B – Consentimento Informado



Consentimento informado

O estudo atual provém da realização de uma dissertação de mestrado em Psicologia Comunitária Proteção de Crianças e Jovens em Risco, a ocorrer no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Este estudo destina-se a compreender como são caracterizados os estilos parentais por jovens nem em Emprego, nem em Educação ou Formação (NEEF) e o modo como a relevância das suas experiências nos seus estilos parentais são percecionadas na sua trajetória.

Este estudo é desenvolvido por Joana Vaz (jfrvz@iscte-iul.pt) e supervisionado por o doutor Francisco Simões (francisco.simoes@iscte-iul.pt) que pode sempre contactar se pretender esclarecer alguma dúvida ou partilhar algum comentário.

A sua participação será muito valorizada e constitui-se por responder a um conjunto de questões, numa entrevista individual, que poderá durar no máximo 50 minutos. A entrevista será gravada, unicamente para garantir um maior rigor na utilização da informação recolhida. Não existem riscos significativos expectáveis associados à sua participação. Ainda que possa não beneficiar diretamente com a participação no estudo, as suas respostas vão contribuir para obter informação relevante que irá caracterizar os estilos parentais de jovens NEEF, através do relato das suas experiências nos seus estilos parentais.

Informa-mos também que a sua participação é voluntária, e a qualquer momento poderá decidir desistir de participar. Caso aceite, pode interromper sempre que achar oportuno, sem ter que fornecer qualquer tipo de justificação. Asseguramos, também, a confidencialidade e o anonimato. Os dados serão apenas utilizados para a análise de conteúdo e procedimentos estatísticos, assim como em qualquer transcrição de dados nunca será mencionado o seu nome. Em nenhum momento do estudo precisa de se identificar.

Face ao exposto, por favor indique se aceita participar no estudo:

ACEITO NÃO ACEITO

Nome: _____ Data: _____

Assinatura: _____

Anexo C – Questionário Demográfico

Dados demográficos

Responda a todas as perguntas que lhe são colocadas nas linhas destinadas ao texto.

1. Como se chama?

2. Que idade tem?

3. Sexo:

Faça uma cruz na opção que escolher.

Marcar tudo o que for aplicável.

Masculino.

Feminino.

4. Onde reside?

5. Qual é a sua nacionalidade?

6. É ou já foi imigrante?

Faça uma cruz na opção que escolher.

Marcar tudo o que for aplicável.

Sim sou imigrante.

Já fui imigrante.

Nunca fui imigrante.

7. Com quem vive?

8. Tem filhos?

Faça uma cruz na opção que escolher.

Marcar tudo o que for aplicável.

- Sim, quantos: _____
- Não.

9. Com que idade foi mãe/pai?

Responda a esta questão apenas se estiver nesta situação.

10. Qual o seu estado civil?

11. Qual é o estado civil dos seus pais?

12. Que escolaridade tem?

13. Agora vou pedir-lhe para me descrever qual a situação em que se encontra, através das opções que lhe vou dar:

Faça uma cruz na opção que escolher.

Marcar tudo o que for aplicável.

- Estou desempregado/a. Há quanto tempo: _____
- Encontro-me à espera ou com dificuldade, em descobrir um emprego que vá ao encontro das minhas qualificações ou aptidões.
- Estou restringido de opções de trabalho, educação ou formação por motivos de deficiência, doença ou prestação de cuidados a familiares.
- Não procuro trabalho, educação ou formação por vontade própria.

Anexo D – Definição das Categorias da Entrevista

Tema	Subtema	Definição
Estilo Parental Permissivo Indulgente (Miguel et al., 2009)	Indulgência	Referência do jovem NEEF a decisões pessoais, relacionais e profissionais contrárias às dos seus pais, determinadas pelos próprios desejos e ambições do jovem.
	Afetuosidade	A relação com os pais é descrita pelo jovem NEEF por comportamentos de afeto, envolvimento e de resposta às suas necessidades e desejos.
	Auto – regulação	Referências do jovem NEEF associadas à regulação dos seus próprios comportamentos, rotinas, amizades, decisões escolares, pessoais e profissionais.
	Ausência de controlo, limites e padrões comportamentais	Envolve referência do jovem NEEF a decisões pessoais, relacionais e profissionais nas quais os pais não exigem controlo e limites sobre a forma como o jovem se deve comportar e na aceitação perante os seus impulsos, vontades e ações.
	Apoio inadequado	Referência do jovem NEEF a decisões pessoais, relacionais e profissionais pautadas por uma prestação de apoio excessivo dos pais relativamente à situação, dando sobretudo primazia à comunicação nas suas relações com os filhos.
Estilo Parental Permissivo	Distanciamento emocional	Engloba referências do jovem NEEF a demonstrações de afeto e relacionais parentais desprovidas.

Negligente (Miguel et al., 2009)	Ausência de envolvimento e apoio parental	Inclui referências do jovem NEEF sobre decisões pessoais, relacionais e profissionais aos seus pais, manifestadas por desinteresse em atender às preocupações e sentimentos do jovem, que auxiliem na resolução dos seus problemas.
	Desresponsabilização parental	Integra referências do jovem NEEF sobre decisões pessoais, relacionais e profissionais nas quais os pais exibem uma reduzida responsividade ao nível do controlo do comportamento, limites, regras, interesse, atenção, preocupação, diálogo ou prestação de ajuda/apoio.
	Satisfação das necessidades básicas	Referência do jovem NEEF a situações em que os pais satisfazem as necessidades básicas solicitadas pelo jovem.
	Negligência	Referência do jovem NEEF sobre decisões pessoais, relacionais e profissionais nas quais o jovem age autonomamente na sua vida, sem os pais.
Estilo Parental Autoritário (Miguel et al., 2009)	Punição	Compõe-se por referências do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares nas quais o comportamento do jovem origina práticas parentais punitivas, modelos coercivos e controlo abusivo, com recurso a punição verbal, material ou física.
	Controlo	Referência do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares nas quais o comportamento do jovem origina práticas parentais de culpabilização, retirada de privilégios, castigos e controlo direto do comportamento através de padrões de conduta absolutos.

	Disciplina	Consiste em referências do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares nas quais o comportamento do jovem rege-se por padrões absolutos de obediência, exigência, proibição e rigidez impostos pelos seus pais.
	Apoio e envolvimento parental reduzido	Referência do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares em que os seus pais desvalorizam os seus sentimentos e preocupações, acreditando que o jovem deve obedecer e aceitar aquilo que os seus pais acham ser o correto para si, não demonstrando qualquer tipo de apoio ou interesse em ajudar.
	Restrição da autonomia	Compreende referências do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares que têm como propósito o seu isolamento e evitamento social, por proibição e controlo da sua socialização, por parte dos pais.
Estilo Parental Autoritativo (Miguel et al., 2009)	Apoio	Engloba referências do jovem NEEF a demonstrações de interesse, envolvimento, atenção, preocupação, diálogo ou prestação de ajuda/apoio dos seus pais, através de práticas parentais que auxiliam o jovem a superar situações ao nível escolar, pessoal e profissional.
	Diálogo	Revelações sobre interações parentais pelo jovem NEEF, representadas por providenciar informações designadas a aconselhar/sugerir e a aceitar escolhas a realizar ou desenvolvidas em termos profissionais, escolares e pessoais.
	Autonomia	Corresponde a referências do jovem NEEF a afirmações que manifestam a confiança depositada pelos seus pais, para tomar as suas próprias decisões autonomamente e alcançar os seus próprios objetivos profissionais,

		escolares e pessoais.
	Estabelecimento de regras	Diz respeito a referências do jovem NEEF a situações relacionais, escolares e familiares, entre as quais, os seus pais estabelecem regras, demonstrando-se determinados a ajustar e a esclarecer as regras tendo em consideração o ponto de vista, o desenvolvimento e as necessidades do jovem.
	Afeto	Referência do jovem NEEF a afirmações de afeto, motivação, empatia e reforço positivo dos pais reforçando as suas qualidades, que mostram a confiança que o jovem tem nos pais, em partilhar as suas situações íntimas, expor de forma aberta os seus sentimentos, opiniões e preservar uma relação próxima.